

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes – Núcleo de Artes Cênicas
Curso de Teatro – Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

A urgência do agora:

o corpo transvestigênere como protagonista em espaços de poder

Marcia Monks Jaekel

Pelotas, 2019

Marcia Monks Jaekel

A urgência do agora:

o corpo transvestigênere como protagonista em espaços de poder

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Teatro
Licenciatura da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Marina de Oliveira

Pelotas, 2019

Marcia Monks Jaekel

A urgência do agora:
o corpo transvestigênera como protagonista em espaços de poder

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciada em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 06/12/2019

Banca Examinadora:

.....
Profª. Dra. Marina de Oliveira (Orientadora)
Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS

.....
Profª. Dra. Fabiane Tejada
Doutora em Educação pela UFPel

.....
Profª. Sara Wagner York
Mestranda em Educação pela UERJ

.....
Profª. Dra. Rosângela Fachel
Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS

Agradecimentos

Aos meus pais, Armando e Neusa, por estarem sempre me apoiando e incentivando a ter acesso ao conhecimento, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, dra. Marina de Oliveira, que sempre acreditou no meu potencial.

Aos meus amigos e professores de Teatro, que me incentivaram a chegar neste momento tão importante para a minha vida e principalmente às minhas irmãs transvestigêneres, que me incentivaram e ajudaram a concluir este trabalho.

Não seria possível citar todas as pessoas que compartilharam e conviveram comigo, pois todas elas colaboraram de uma forma ou de outra para que eu concretizasse este Trabalho de Conclusão de Curso.

Facilidade

O ser que sou, em mim, do ser
Não pode ser a forma que me formei a ver
Se sou mais que sei,
Sou talvez um saber além.
E quando sabia de outro,
Que sentir ser além de alguém.
Queria verter lágrimas de água,
E versos chorei, na escrita ofertei.
E sabia muito mais do que queria.
E sendo, sabia menos, outro ser.
Reconhecida seria sempre sem o saber.
E não o sábio rei.
Um se forma com a vida dada,
O outro se constrói por seu querer.

(Atena Beauvoir)

Resumo

JAEKEL, Marcia Monks. **A urgência do agora:** o corpo transvestigênere como protagonista em espaços de poder. 2019. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo refletir sobre a importância da inclusão de pessoas travestis, transexuais e não binárias dentro das escolas, das universidades e de outros espaços de poder. Tendo como referência Guacira Lopes Louro e Leticia Lanz, entre outros, pondero sobre termos importantes para os estudos de gênero, tendo em vista o seu potencial de combater a ignorância e o preconceito através do conhecimento. Utilizo o neologismo “Transvestigênere”, cunhado por Indianare Siqueira e Renata Carvalho, para abarcar estas três comunidades, as quais faço parte, denunciando os crimes contra esta população, que luta para sobreviver diariamente contra os crimes de ódio gratuito. Trago relatos da minha experiência como atriz na peça teatral *O Cárcere da Alma Feminina* (2011), da autoria de Maicon Barbosa, que tem uma personagem trans como protagonista. Falo de minha experiência como aluna e como professora, na condição de transexual. Destaco também artistas transativistas, professores trans e redes de apoio. Manifesto o direito das pessoas tranvestigêneres a uma vida digna no Brasil, país que mais mata pessoas trans no mundo.

Palavras-Chave: transativismo; transvestigênere; *O Cárcere da Alma Feminina*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atriz trans Renata Carvalho e Indianarare Siqueira, ativista transvestigênera.....	14
Figura 2 - A travesti da família brasileira, Rogéria - Claudia Celeste, a primeira travesti brasileira a fazer novela.....	21
Figura 3 - Dragqueens Tchaka e Isabelita dos Patins.....	23
Figura 4 - Eric Barreto - Ator transformista.....	23
Figura 5 - João Francisco dos Santos- Ator transformista.....	24
Figura 6 - João Carlos Castanha- Ator transformista	24
Figura 7 - Fotos: Atrizes trans Nani People e Carol Marra	26
Figura 8 - Fotos: Atrizes trans Maria Clara Espinelli e Glamour Garcia	29
Figura 9 - Fotos: Liniker e Linn da Quebrada	29
Figura 10 - Fotos: Majur e Leona Vingativa	29
Figura 11 - Atrizes trans Dandara Vidal, Mel Campus, Renata Peron.....	29
Figura 12 - Andreia Lais Cantelli	30
Figura 13 - DaniBalbi.....	31
Figura 14 - Eric Seguer de Camargo.....	31
Figura 15 - Letícia Caroline Pereira do Nascimento	32
Figura 16 -Luma Nogueira.....	32
Figura 17 - Megg Rayara de Oliveira, Doutora em Educação	33
Figura 18 - Sara Wagner York.....	34
Figura 19 Sayonara Naidier Bonfim Nogueira	35
Figura 20 - Foto: Divulgação Espetáculo.....	41
Figura 21 - Foto: Divulgação do Espetáculo.....	41
Figura 22 - Foto: Divulgação Espetáculo.....	42
Figura 23 - Foto: Divulgação do Espetáculo.....	43
Figura 24 - Foto: Divulgação Espetáculo.....	43
Figura 25 - Fotos: Divulgação Espetáculo	44
Figura 26 - Fotos: Divulgação Espetáculo	45
Figura 27 - Fotos: Divulgação Espetáculo	45
Figura 28 - Foto: Divulgação Espetáculo.....	46
Figura 29 - Foto: Divulgação do Epetáculo	47
Figura 30 - Foto: Divulgação Espetáculo.....	47

Figura 31 - Foto: Divulgação Espetáculo.....	48
Figura 32 - Foto Divulgação Espetáculo.....	48
Figura 33 - Foto Divulgação Espetáculo.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REPRESENTATIVIDADE TRANSVESTIGÊNERE.....	18
2.1 Transativismo na dramaturgia.....	20
2.2 Representatividade transvestigênera na universidade brasileira.....	30
2.3 Redes de apoio.....	35
3 O CORPO TRANSVESTIGÊNERE NA CENA E NA SALA DE AULA.....	39
3.1 <i>O Cárcere da Alma Feminina</i>	39
3.2 Apresentações da peça <i>O Cárcere da Alma Feminina</i> nas escolas.....	49
3.3 Minha experiência como aluna e como professora na escola.....	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS.....	60

1 INTRODUÇÃO

O corpo transvestigênera não é neutro porque traz consigo estigmas e vivências de transição de gênero inscritas nele. Como exemplo, podemos citar o uso de silicone, próteses, plásticas e tratamentos hormonais que modificam o corpo trans. O corpo fala por si só, revela-se transgressor, mesmo quando está parado, já que simbolicamente ele deixa seu recado; transgredi, meu corpo tem cicatrizes e alterações de gênero explícitas, eu carrego uma história. A história está no corpo, no gesto, na fala e na alma. Nesse sentido, trago a sentença do Juiz Antonio C. A. Nascimento e Silva, quando da obtenção de meu novo registro civil:

Que é o homem? Mais Corpo ou mais alma?
O ser humano é sem dúvidas mais alma do que corpo!
Logo, seu sexo deve ser aquele que vem de suas entranhas, que vem de sua alma, e, *incasu*, para Marcio, outro não é que não o feminino, motivo pelo qual se impõe o deferimento de alteração postulada.
Os tempos mudam, evoluem, estamos no limiar do séc. XXI e os direitos fundamentais da pessoa humana devem acompanhar essas mutações, criando, inclusive, novos fatos e situações jurídicas, passíveis de ingresso em normas legais.
Marcio, pela intervenção cirúrgica a que foi submetido, não mais apresenta a constituição de pessoa do sexo masculino. Isso é irreversível, como também o é, como ensinam os doutos, sua condição de transexual primário. Então por que não permitir que seja Marcia em seu acento de nascimento, já que Marcia nasceu, Marcia cresceu e Marcia que sofreu todas as vicissitudes da vida para conseguir adaptar o sexo de nascimento ao sexo que sente ter, a pessoa que sente ser? (SILVA, 2005, p. 5).

Esta sentença mudou minha vida, pois depois da cirurgia me tornei uma mulher mais segura, retornei aos estudos e passei a frequentar lugares que antes da retificação do nome me constrangiam com mais facilidade. E não me constrangia mais na hora de apresentar documentos. Sem dúvidas, existem duas Marcias, uma antes da cirurgia e outra após a cirurgia.

O reconhecimento de médicos e juristas quanto à minha identidade de gênero feminina, legítima e primária, ou seja, quando a criança já expressa identidade

feminina desde a mais tenra infância, foi um sonho realizado, retratado na peça *O Cárcere da Alma Feminina*. Hoje luto pelos direitos das pessoas que passaram pelo que eu passei e não tiveram as mesmas oportunidades.

Reconhecendo meus privilégios, sinto-me na obrigação de ser ouvida para que as próximas gerações não passem pela exclusão social que passei. Minha ética não permite que eu esqueça todas as pessoas transvestigêneres excluídas da família, da escola, da cidade, assim como eu fui na minha adolescência, pelo simples fato de não me enquadrar nos padrões binários de gênero.

Desejos reprimidos são presentes no inconsciente e constituem uma ameaça permanente para a estabilidade da identificação de gênero, negando sua unidade e subvertendo sua necessidade de segurança. Ademais, as ideias conscientes do masculino e do feminino não são fixas, já que elas variam segundo os usos do contexto. Portanto, existe sempre um conflito entre a necessidade que o sujeito tem de uma aparência de totalidade e a imprecisão da terminologia, a relatividade do seu significado e sua dependência em relação à repressão. Esse tipo de interpretação torna problemáticas as categorias “homem” e “mulher” sugerindo que o masculino e o feminino não são características inerentes e sim construções subjetivas (ou fictícias). Essa interpretação implica também que o sujeito se encontra num processo constante de construção e oferece um meio sistemático de interpretar o desejo consciente e inconsciente, referindo-se à linguagem como um lugar adequado para a análise. (SCOTT, 1989, p. 16).

Este trabalho surge de minha inquietação por elucidar tabus, estigmas e preconceitos que colocam as pessoas transvestigêneres (transexuais, travestis e não binários) à margem da sociedade vigente. A palavra travesti é ressignificada neste texto, saindo da marginalização, exclusão e desumanização imposta por décadas pela sociedade para um lugar de reconhecimento, sendo que as travestis foram pioneiras no que tange às conquistas do movimento LGBT.

A Universidade Pública, que poderia ser cada vez mais um lugar de inclusão, é o melhor local para instigar esse debate. Até que ponto todos os corpos têm acesso à universidade? Como acontece a evasão da população transvestigênera quando alcança este espaço? Por que quando chega lá enfrenta a retração? Não podemos mais fechar os olhos para esta população que cada vez mais conquista lugares jamais pensados, tanto do lado de quem vê, quanto de quem enfrenta a transfobia estrutural.

Quando se procuram trabalhos de pesquisa sobre pessoas travestis na universidade, esses trabalhos são, em sua maioria, escritos por pessoas

cisgêneras¹ e tendem a fazer uma etnografia sempre do mesmo ponto de partida, do mesmo ponto de vista e dos mesmos lugares, alocando as pessoas trans sempre no espaço de subalternidade.

Esses pesquisadores tendem a falar pelas trans e não é preciso que façam isso. Nós podemos falar por nós mesmas – a partir daqui me incluo, pois minha vivência enquanto trans está diretamente ligada à esta pesquisa. Estamos produzindo sim e de uma forma muito potente. Quando pesquisamos trabalhos acadêmicos como referência sobre travestis, aparecem majoritariamente as palavras: “registros policiais”, “boate”, “prostituição”, “corpo” e “mudança corporal”. Na maioria das vezes esses trabalhos partem de um lugar que não questiona o porquê de nós estarmos alocados nesses espaços e nesses territórios.

Hoje, casais homoafetivos podem andar de mãos dadas na rua, expressar suas sexualidades e têm direito ao casamento. Pessoas trans obtiveram o direito à cirurgia de readequação genital pelo SUS e retificação do nome e gênero no registro civil. Essas e outras conquistas, como a recente criminalização da LGBTfobia, aconteceram graças às travestis. As travestis estiveram sempre na linha de frente, basta citar o exemplo de Marsha Johnson², grande responsável pela “Revolta de Stonewall”, há cinquenta anos, data comemorada até hoje, no dia 28 de junho, Dia do orgulho LGBT Mundial (POMBA, 2017).

O corpo trans é uma forma de manifesto contra a norma vigente imposta pela sociedade e é, acima de tudo, um corpo político. Isso porque representa uma causa de direitos específicos, de uma comunidade que foi oprimida, excluída e apagada durante décadas e que agora passa a ocupar lugares de poder. O corpo transvestigênere configura-se como uma luta por resistência e representatividade dentro de diferentes espaços, públicos ou privados, que nos foram negados durante décadas.

Levar este corpo transgressor, marginalizado, excluído e desumanizado pela

¹ Cisgêneros (cis) são pessoas cujo gênero é o mesmo do designado em seu nascimento. Por exemplo: uma pessoa que nasce com uma vagina e se identifica como mulher, independentemente de ser uma mulher hétero ou lésbica.

² “Na madrugada de 28 de junho de 1969, um grupo de policiais de Nova York fez uma rotineira e violenta batida no bar Stonewall Inn. O local, frequentado por gays, lésbicas, trans, *dragqueens* e outras figuras marginalizadas, era alvo frequente de hostilizações e de abusos policiais. Naquela madrugada, Marsha P. Johnson estava na linha de frente ao lado de outras *dragqueens*. Nascida Malcolm Michaels, em 1945, Marsha era negra, *dragqueen*, prostituta, modelo de Andy Warhol e, acima de tudo, tornou-se uma figura fundamental e catalizadora nos primeiros anos das lutas dos LGBTs por direitos nos Estados Unidos.” (CARTA CAPITAL, 2017, s./p.).

sociedade heteronormativa para a cena teatral é uma necessidade de inclusão da diversidade humana, da liberdade de expressão, de saúde pública, empregabilidade e humanismo, portanto, é de responsabilidade também dos artistas. A escola e a academia, por sua vez, devem igualmente reconhecer os privilégios concedidos aos cisgêneros e dar oportunidades de representatividade para alunos e professores trans.

Em sua tese “Travesti na escola”, Luma Nogueira analisa as estratégias de assujeitamento e de resistência de jovens travestis para permanecer na escola. Na apresentação do trabalho, Nogueira afirma que:

A negação das travestis no espaço da sala de aula resulta no confinamento e na exclusão, que as transformam em desviantes e indesejadas. Quando isso ocorre no ambiente escolar, a pressão normalmente é tão intensa que impele as travestis a abandonar os estudos, sendo disseminada a ideia de que foi sua própria escolha. Esta justificativa tenta mascarar o fracasso da escola em lidar com as diferenças, camuflando o processo de evasão involuntária induzido pela escola (NOGUEIRA, 2012, p. 7).

Na matéria “Escola é primeiro gargalo à inserção de pessoas trans no mercado”, publicada pela Agência Brasil no Portal EBC, Alana Granda cita trechos da palestra proferida por Dani Balbi, professora doutora da Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diretora Nacional da UNALGBTQI+, na qual a professora falou acerca das dificuldades para inserção de pessoas trans no mercado de trabalho. Para Balbi, o primeiro gargalo é a escola:

As pessoas transexuais e travestis recebem o maior estímulo à expulsão do ensino básico formal [...] por conta das diversas omissões que os agentes da educação constroem em relação à transfobia nesses espaços, o que resulta em mais de 70% de pessoas trans e travestis abandonando o ensino básico formal e não concluindo o ensino médio (BALBI, 2019)

Ainda conforme Balbi, o segundo gargalo é a falta de política de inclusão no ambiente da empregabilidade, ou seja, os processos de seleção não oferecem “fatores e condicionantes para que as pessoas trans e travestis se candidatem” a vagas de trabalho (BALBI, 2019) E, pelo contrário, além de não construírem condicionantes, os processos seletivos “acabam construindo outras barreiras, não empregando-os explicitamente, discriminando tacitamente pessoas transexuais e travestis. Tudo isso acaba entregando essa realidade, que são pessoas trans e travestis fora do mercado formal, no Brasil” (BALBI, 2019).

Ademais das dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal e de representatividade em espaços públicos e privados, a população trans precisa lutar

para sobreviver à violência. É importante ressaltar que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo e a expectativa de vida dessa população é de trinta e cinco anos, enquanto da população cisgênera é de setenta e cinco anos. (THOMAZ, 2018). Isto quando não são assassinadas em plena juventude, com o agravante de sofrerem com requintes de crueldade antes da morte.

Conforme Sayonara Naidier Bonfim Nogueira, vice-presidente do Instituto Brasileiro Trans de Educação, travesti e militante LGBTI, que toma como base os dados apresentados no Relatório de Assassinatos de LGBTs no Brasil do Grupo Gay da Bahia de 2015,

[...] as pessoas trans compõem um dos grupos mais vitimizados no país, uma vez que o risco de uma pessoa travesti, transexual ou transgênero ser assassinada é 14 vezes maior que o de um homem cis gay, e a chance dessa morte ser violenta é 9 vezes maior. Segundo agências internacionais, quase metade dos homicídios contra pessoas transdo mundo ocorre no Brasil, no entanto, o número de ocorrências desse tipo pode ser ainda maior, devido ao elevado índice de subnotificação. Sabendo-se que existem muitos casos não noticiados ou nos quais as vítimas são registradas de forma errônea como 'homem' ou 'homossexual'. (ANDRADE, 2018, p. 221)

A exclusão social e a morte precoce ou por crimes de ódio gratuito fazem com que seja um caminho quase impossível para as pessoas trans conseguirem chegar até o ensino médio, conquistar o trabalho formal e mais ainda acessar a universidade e o Teatro. A transfobia precisa ser combatida, pois estamos sendo mortas simplesmente por existir. Como afirma Rodrigo Carvalho Marques Dourado:

Por que o homofóbico e o LGBTfóbico odeia o homossexual e os "desviantes" de gênero e sexualidade e deseja apagá-los, é sobretudo o signo cultural da homossexualidade e do "desvio", a "efeminação", a "masculinização" e outros marcadores "deslocados" de sua suposta natureza, o que ele busca em suas vítimas. Para essa figura alimentada pelo ódio, o comportamento "desviado" é não somente um sintoma da diferença, mas um defeito da natureza e ele deseja não apenas "corrigir" os indivíduos LGBTIs, mas apagar o sintoma, aquilo que torna visível o "desvio", extinguir essa "falha" da "natureza". (DOURADO, 2017, p. 268)

Sendo assim, nós que estamos produzindo conhecimento dentro da universidade precisamos olhar com mais atenção para as estudantes transvestigêneres³ que ingressam na escola e na universidade, pois elas já trazem consigo sofrimentos e exclusões acumulados de quase todos os ambientes em que circulam.

³ A utilização da letra "e" nesta nomenclatura é inserida como forma de incluir as pessoas não binárias.

Transvestigênera é o termo que escolho utilizar nessa monografia por entendê-lo com um termo guarda-chuva, que inclui travestis, transexuais e pessoas não-binárias. E também por ser um termo político e de empoderamento criado por pessoas trans, uma vez que todos os outros neologismos foram criados por pessoas cisgêneras. As ativistas Indianare Siqueira, fundadora da Casa Nem, que abriga pessoas LGBTQs e em vulnerabilidade social, na cidade do Rio de Janeiro, e Renata Carvalho, atriz transvestigênera, nascida na cidade de Santos, trazem a terminologia.



Figura 1 - Atriz trans Renata Carvalho e Indianare Siqueira, ativista transvestigênera

Indianare Siqueira propõe o neologismo tranvestigênera, em 2017, no Rio de Janeiro, como forma de contemplar a diversidade de identidades de gênero dos moradores de seu abrigo. Simultaneamente, em São Paulo, Renata Carvalho, atriz do espetáculo polêmico e censurado por diversas vezes, *O Evangelho, segundo Jesus Rainha do Céu*, usou o termo transvestigênera para reivindicar o lugar de fala, representatividade, empregabilidade transe trazer à tona o debate de até que ponto os corpos trans são ou não neutros no Teatro. Conforme Carvalho:

O corpo transvestigênera, talvez seja o único corpo, que é atacado público e diariamente por parte significativa da Igreja, pela mídia, pelo judiciário, pela medicina, pela arte e ninguém fala nada. Ninguém reclama. Podem fazer qualquer história, de qualquer forma e jeito, pode fazer qualquer vídeo tirando sarro, pode ser peça de teatro, livros, TCCs, mestrados, doutorados, canais no youtube, portais, biografias e até em novelas das 9, que ninguém reclama. Pode chamar de qualquer coisa, pode erotizar, exotificar, tirar sarro, xingar e deixar nítido a vergonha que todos têm deste corpo. Pode chamá-lo de violento, de bélico, de doente, de anormal. Pode bater, expulsar de casa e até matar. (CARVALHO, 2019, p. 214).

Transvestigênera é, acima de tudo, um termo político, sociocultural e emancipatório. De acordo com Sara Wagner York Gonçalves Jr:

Surge como um arcabouço de possibilidades de tudo o que o ser humano pode ser. Dentro da sua existência, por exemplo, em sala de aula, na universidade, no trabalho formal, no cotidiano, nos lugares onde estes corpos circulam, se estabelecem como sujeitos que se movimentam fora de uma norma regulatória e isso não deveria excluir, mas é exatamente isto que acontece, por este motivo a tensão é focada neste público. Sabemos que a criança será excluída por que ela foge de normas comportamentais que são estruturadas dentro da escola. (GONÇALVES JR, 2019).

Não se sentindo mais contemplado pela diferença entre os termos travesti e transexual, o movimento TT (Travestis e Transexuais) não faz distinção e sim a inclusão, destacando as semelhanças em seus discursos. Se a palavra travesti carrega no imaginário coletivo relação com a marginalidade, promiscuidade e prostituição, o termo transexual, conforme a OMS (Organização mundial de Saúde), nos classifica como portadores do (CID 11) saindo da lista de doenças mentais para o diagnóstico atual de incongruência de gênero ou desvio sexual. Isso nos coloca como seres portadores de patologia, ou seja, pessoas vistas como coitadinhas e doentes. Surgiu, por essa razão, o termo transvestigênera que, além de ampliar a visibilidade, não exclui nem uma e nem outra identidade de gênero e, pelo contrário, as fortalece, incluindo também as pessoas não-binárias.

Neste sentido, Djamila Ribeiro alerta para o fato de que é preciso entender grupos sociais não como um amontoado de indivíduos, mas como individualidades em sua própria realidade, de modo que se alcance a reflexão de que indivíduos pertencentes a determinados grupos partilham experiências similares. Ou seja, afirma a autora, ao falar de direito à existência digna, à voz, à visibilidade, fala-se na verdade de *locus* social, de como esse lugar marginal imposto a determinados grupos dificulta a possibilidade de transcendência. De acordo com ela, “absolutamente nada tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2017, p. 208).

Bruna Benevides, primeira mulher trans na Marinha, diz:

É o não reconhecimento de nossa identidade de gênero, mas também o processo de desumanização que acontece. A perpetuação dos estigmas contra nossa população. Portanto, nossos desafios são, antes de mais nada, vencer o preconceito e a transfobia. Mostrar que somos pessoas capazes, que podemos viver em sociedade e ajudar a construir uma coletividade mais digna. (SUDRÉ, 2019, s./p.).

Pelo fato de as pessoas transvestigêneras estarem em maior vulnerabilidade social, pretendo dar visibilidade e representatividade para elas. Vários são os problemas enfrentados por essa população: a exclusão familiar, evasão ou até a

própria expulsão escolar, a falta de direito ao emprego formal (90% das travestis e transexuais ainda estão na prostituição), a expectativa de vida de até os 35 anos de idade, a violência, entre outros.

Assim, levando em conta todos os obstáculos que enfrentei para chegar até aqui, apresento, no capítulo “O transativismo nas artes”, algumas terminologias pertencentes aos estudos de gênero que são importantes de serem conhecidas pelo leitor desta pesquisa, escrita por uma aluna trans, que discorre sobre o corpo trans dentro e fora da Universidade, aproximando-os de personalidades conhecidas no mundo das artes.

No capítulo seguinte, “Narrativa de uma Aluna Transexual, seu ingresso e suas vivências dentro da Universidade Pública”, conto sobre a passagem de uma criança e adolescente trans na escola que retorna como professora dentro da sala de aula. Falo também sobre a importância da presença de corpos que fogem à regra normativa ao circularem dentro destes espaços de poder. Disserto sobre a minha colaboração para o conhecimento da temática na universidade e a grande conquista em ter acesso ao conhecimento acadêmico. Isso porque as escolas e as universidades têm nos expulsado durante décadas e, na atualidade, somente 0,1% da população trans tem acesso à academia. Por isso, esse trabalho de pesquisa tem a pretensão de colaborar para o aprofundamento sobre os estudos de gênero.

Já em “O corpo Transvestigênera na Cena e na Sala de Aula”, narro minha experiência na peça teatral *O cárcere da Alma feminina*, de Maicon Barbosa, como foram as reações dos alunos e professores nas várias apresentações nas escolas.

Nas “Considerações finais”, ressalto a importância da inclusão de pessoas transativistas (pessoas trans que usam do corpo e da fala como plataforma artística, ativista e política) e dos corpos transvestigêneres (pessoas travestis, transexuais e não binárias) em espaços de poder.

Neste sentido trago a citação atemporal do filósofo Michel Foucault, que pode ser lida, hoje, como uma crítica social à conjuntura política do país, em que temos um governo que dissemina o ódio às minorias, principalmente contra os LGBTs e que decide quais vidas valem mais que outras.

Por muito tempo, um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e morte. Sem dúvida, ele derivava formalmente da velha pátria potestas que concedia ao pai de família romano o direito de “dispor” da vida de seus filhos e de seus escravos; podia retirar-lhes a vida, já que a tinha “dado”. O direito de vida e morte, como é formulado nos teóricos

clássicos, é uma fórmula bem atenuada desse poder. Entre soberano e súditos, já não se admite que seja exercido em termos absolutos e de modo incondicional, mas apenas nos casos em que o soberano se encontre exposto em sua própria existência: uma espécie de direito de réplica. Acaso é ameaçado por inimigos externos que querem derrubá-lo ou contestar seus direitos? Pode, então, legitimamente, entrar em guerra e pedir a seus súditos que tomem parte na defesa do Estado; sem "se propor diretamente à sua morte" é-lhe lícito "expor-lhes a vida": neste sentido, exerce sobre eles um direito "indireto" de vida e morte. Mas se foi um deles quem se levantou contra ele e infringiu suas leis, então, pode exercer um poder direto sobre sua vida: matá-lo a título de castigo. Encarado nestes termos, o direito de vida e morte já não é um privilégio absoluto: é condicionado à defesa do soberano e à sua sobrevivência enquanto tal (FOUCAULT, 1999, p. 126-127).

Espaços, como a universidade, são essenciais para a existência humana, bem como são ferramentas de empoderamento. Essas ferramentas permitem fazer com que a população trans não sofra mais com tabus, preconceitos e agressões diárias para conquistar "a duras penas" um lugar que pessoas heterocisnormativas (pessoas que se identificam com o gênero de nascença, apresentam características heterossexuais e não passam pela exclusão, como as pessoas trans) já dominam.

2 REPRESENTATIVIDADE TRANSVESTIGÊNERE

Representatividade Trans é o conceito que defende que pessoas trans estejam presentes quando for falado, debatido, representado ou interpretado sobre as suas vivências, seja na interpretação, na produção, na equipe ou no palco. É também uma questão de empregabilidade, considerando que a Arte é um ofício. Como exemplo, cito a Cia. Mungunzá de Teatro, com o espetáculo *Luis Antônio-Gabriel*, que retornou aos palcos em 2018, trazendo pela primeira vez uma atriz trans – Fabia Mirassos – no papel principal (ARTE VIEW, 2018).

Para qualificar a reflexão sobre o transativismo, torna-se necessário citar a teoria *queer* e como ela surgiu, através dos estudos de Guacira Lopes Louro. Além disso, apresento algumas definições de gênero, segundo a psicanalista Letícia Lanz e a professora Sara Wagner York, entre outras autoras trans da atualidade. Conforme aponta Louro, a palavra “gênero” deve ser contextualizada,

Quem confia nos dicionários (e desconfia do que ali não está) talvez tenha resistências em iniciar este diálogo. No sentido muito específico e particular que nos interessa aqui, gênero não aparece no Aurélio. Mas as palavras podem significar muitas coisas. Na verdade, elas são fugidias, instáveis, têm múltiplos apelos... Admitindo que as palavras têm história, ou melhor, que elas fazem história, o conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo. Constituinte desse movimento, ele está implicado linguisticamente e politicamente em suas lutas e, para melhor compreender o momento e o significado de sua incorporação, é preciso que se recupere um pouco de todo o processo. (LOURO, 2003, p. 14).

Na sequência, ela discorre sobre a diferença entre identidade sexual e identidade de gênero,

Observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos (Weeks, apud Britzman, 1996). Suas identidades sexuais se constituíram, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e

historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 2003, p. 26-27).

A partir disso, cabe ressaltar que as teorias *queer* não tratam de identidades de gênero, mas de múltiplas expressões de gênero ou performances de gênero, a partir do questionamento de uma sociedade na qual os homens-brancos-héteros e cisgêneros ainda estão no topo da pirâmide.

Guacira Lopes Louro tenta desvelar os atravessamentos dos discursos de poder por trás desta estagnação, chamando a atenção para a intenção da manutenção da heteronormatividade ante as diversas performatividades alçadas pelos sujeitos. Sendo assim, cito a professora e autora Sara Wagner York Gonçalves Jr:

Transgênero no Brasil possui formas de compreensões restritas. Travesti, nome *made in Brazil*, com conotação de prostituição e subversão, desenhado por Harry Benjamim (1966), ou seja, na década de 1960, e "transexualismo", que assume inicialmente uma dimensão de doença. Para Michel Foucault (1988), então, a afirmativa de que ou se é doente ou se é prostituta, num mundo de transgressores, em que o que somos é colocado dentro de padrões por outros estabelecidos, e novamente o que "Eu sou" passa novamente a ser a conclusão de outros e não a minha. (GONÇALVES JR., 2018, p. 87):

Em concordância com a professora Sara Wagner York, acredito que não podemos mais aceitar que outros digam quem nós somos. Que nos coloquem em padrões convencionados por terceiros, que criem simulacros sobre nossas vivências. Nós mesmas podemos falar por nós, não aceitaremos mais que nos coloquem na posição de promiscuidade ou patologia, subalternidade ou incapacidade.

Nos dias atuais, as travestis estão ocupando cada vez mais espaços que foram historicamente negados, como a escola, a academia, a política, o executivo, o legislativo e judiciário, entre outros espaços de poder. Porém, o preconceito com a

palavra persiste, ainda carrega estigmas de marginalidade, sendo considerada uma subclasse pela sociedade e pela classe dominante do Brasil.

2.1 Transativismo na dramaturgia

Os estudos acadêmicos sobre a presença de pessoas trans no teatro ainda são muito recentes, assim como o termo tranvestigênere. O corpo transvestigênere em cena não é neutro, ele se entrega totalmente. Existem raras exceções de passabilidade⁴ na história do corpo trans em cena. Quando vinham à tona, a mídia sensacionalista e preconceituosa disseminava a notícia de forma depreciativa, quando acontecia de uma atriz trans ser “descoberta” na época.

O espetáculo *O Evangelho, segundo Jesus Rainha do Céu* foi cancelado em vários festivais pelo fato de associar a maior figura bíblica à transvestigeneridade. Quem estava representando Jesus Cristo era uma pessoa transvestigênere e esse fato causou grande polêmica diante de uma sociedade que ainda não está preparada para compreender que uma atriz/ator trans pode representar qualquer personagem. Sendo assim, questiono: se fosse uma pessoa heterocisnormativa seria permitido? Em 2018, o Movimento Nacional de Artistas Trans (MONART) reivindicou que pessoas trans estejam na equipe ou no palco quando o tema transvestigênere estiver envolvido: na novela, no teatro, no cinema, na televisão e em qualquer lugar em que o tema esteja sendo debatido. Em carta aberta, o movimento defende:

Nós artistas trans não somos neutros no teatro, cinema ou televisão. Obviamente queremos a liberdade artística de vivenciar qualquer personagem, afinal todas e todos personagens podem ser interpretados por transgêneros ou cisgêneros. Porém, quando até os próprios personagens trans nos são negados, revela-se que o privilégio da liberdade criativa se restringe à quem sempre pôde interpretar (ler) e representar (mostrar) o que bem entendesse das nossas vidas. O corpo trans é incrustado de uma construção social e imagética do senso comum e da mídia ligada à criminalização, patologização, fetichismo, híper-sexualização, caricatura e escracho. Fora discursos ideológicos que pautam nossa dignidade pela medicina, pela justiça ou pela religião. Somos, enfim, um corpo folclorizado e só quebraremos essas mistificações quando a convivência for naturalizada, inclusive no palco. Acreditamos no convívio, na troca diária, na escuta atenta e na ação pró-representatividade de artistas sintonizados com seu tempo e aliados à essa causa social e humanitária aqui traduzida para a

⁴ Termo usado para se referir quando um homem ou uma mulher trans “passam por” um homem ou mulher cisgênero. A ativista trans Daniela Andrade resume a passabilidade de uma forma bem simples: “é quando a pessoa trans é lida pela sociedade como se fosse cis”, disse ela ao Buzz Feed Brasil.

classe artística. O MONART quer elucidar e tranquilizar o olhar ainda desconfiado da cisgeneridade quanto às nossas reivindicações, estamos dispostos a lhes contar a História que estamos escrevendo. Nós que somos trans...E poéticos...Queremos parar de morrer. Diga SIM ao talento TRANS. (REPRESENTATIVIDADE TRANS, 2019, s./p.)

O que os artistas cisgêneros podem fazer para evitar que esta comunidade seja ainda mais apagada, levando em conta que sempre (com raras exceções) fomos representadas através dos mesmos? Porque não temos a representatividade legítima de pessoas trans nas artes? Quando Renata Carvalho fala que queremos parar de morrer é porque a população transvestigênere não tem acesso ao trabalho formal, inclusive nas artes.

Somos capazes de representar qualquer papel no teatro, no cinema e na TV. Aos poucos, a reivindicação do MONART vai mostrando resultados por parte de alguns grupos de artistas, que são chamados de cis-aliados. Essas são pessoas que ocupam espaços de poder e compreendem e têm empatia pela causa da representatividade trans.



Figura 2 - A travesti da família brasileira, Rogéria Claudia Celeste⁵, a primeira travesti brasileira a fazer novela

Para percorrer acerca da presença trans na arte dramática brasileira ainda

⁵ Carioca de Irajá, Cláudia Celeste começou a carreira nos anos 1970, após trabalhar como cabeleireira em Copacabana, Zona Sul da cidade. Seu primeiro grande espetáculo foi "O mundo é das bonecas", em 1973, no Teatro Rival, na Cinelândia. Produzido por Américo Leal, o show de travestis foi o primeiro a obter uma licença do governo, depois que eles foram banidos pela ditadura militar em 1969. Em 1977, o diretor Daniel Filho assistiu à revista "Transtê no fuetê" e resolveu incorporar um número do espetáculo na novela "Espelho mágico", da TV Globo, sem saber que Cláudia era travesti. A atriz contracenou com a mocinha Sonia Braga. Sua participação na novela, no entanto, foi cancelada depois que a imprensa celebrou a primeira travesti na TV. "Antes, ninguém sabia que eu era travesti, nem Daniel Filho. Ninguém nunca me perguntou! E, como ficou muito ti-ti-ti, tiraram os capítulos que eu já tinha feito", contou a atriz em entrevista à revista "Geni", em 2013. Em 1988, a artista foi a primeira travesti a fazer uma novela do início ao fim: "Olho por olho", na extinta TV Manchete. Em 2016, Claudia foi homenageada na primeira edição do Festival TransArte, evento que trata de identidade de gênero e sexualidade. A atriz era casada com o ator e bailarino Paulo Wagner. (COUTO, 2018, s./p.).

se faz necessário explicar e diferenciar alguns outros termos. Partimos da definição do termo *crossdresser*, de acordo com Lanz,

Crossdresser:(abrev. CD; do inglês *crossdresser*) – O *crossdresser* típico tem como principal característica a exagerada preocupação da pessoa não revelar publicamente a sua transgressão de gênero pela vergonha e culpa que carrega no ato de se travestir. Esses comportamentos derivam do fato de se tratar, em sua maioria, de pessoas oriundas da classe média/média alta, ao contrário das travestis, cuja origem aqui no Brasil, se situa bem na base da pirâmide. Os *crossdresser* típicos buscam manter sua atividade debaixo do mais estreito sigilo, sentindo verdadeiro pânico em serem descobertos e, com isso, prejudicarem suas reputações na sociedade. (LANZ, 2016, p. 404)

Nos dias atuais, alguns *crossdresser* não se mantêm mais no total anonimato, em alguns casos estas pessoas frequentam locais fechados, alguns até se expõem em guetos. Exemplo: homens casados que usam roupas de mulher e mantêm um relacionamento aberto, porém, não assumem sua condição em locais de trabalho ou eventos sociais e familiares. Acredito que deva ser um reflexo da opressão binária de gênero social e do próprio auto preconceito culturalmente imposto ou simplesmente um fetiche sexual.

Já *Drag Queen*, conforme a descrição de Lanz, é apresentada como alguém:

Drag Queen: Com orientação sexual predominantemente homossexual. (ao contrário dos *Crossdressers*), as *dragqueens* caracteristicamente se travestem, somente para a realização de shows e apresentações em bares e casas noturnas LGBT, onde também atuam geralmente como recepcionistas. “No universo transgênero, as *dragqueens* se destacam pelo modo ‘over” (exagerado) com que representam o gênero feminino, mostrando em público uma mulher muito mais caricatural do que propriamente “feminina”. (LANZ, 2016, p. 406)

Independente da identidade de gênero, qualquer pessoa pode ser *Drag Queen*, por essa ser uma manifestação artística. Homens, mulheres, transexuais, cisgêneros, não binários etc. A caracterização do feminino exagerado, na maioria das vezes, aparece como extravagante e caricatural. A pessoa *drag* pode produzir-se para uma festa ou mesmo para shows, recepções e eventos. Pode-se dizer que o termo se tornou mais visível nos anos 1990, o que permitiu que as *drags* fossem associadas à figura das transformistas, que ganharam notoriedade nos anos 1970.



Figura 3 - Dragqueens: Tchaka e Isabelita dos Patins

Transformista: Homem que se veste de mulher com o objetivo específico de produzir arte e entretenimento. Os membros dessa tribo costumam considerar-se como uma classe totalmente à parte dentro do mundo transgênero, sendo construída basicamente por pessoas que se classificam como atores, amadores ou profissionais, e que, insistem eles, não apresentam nenhum tipo de desconforto de gênero. Apenas se travestem para ganhar a vida no palco, representando papéis de mulher em peças teatrais, dublagens, sketches e shows de *stand up comedy* aceitável, já que o termo travesti ainda estava ligado à marginalidade. (LANZ, 2016, p.428).

Os transformistas são homens que usam adereços e roupa feminina, caracterizam-se muitas vezes como as cantoras que irão representar de uma forma mais sutil, para shows, performances e apresentações artísticas. Ganharam notoriedade na mídia brasileira nos anos 1970, em programas e concursos de TV. Eram considerados figuras exóticas e causavam curiosidade no público. Os pioneiros a ganharem notoriedade como artistas pela sociedade como forma de entretenimento foram os transformistas, até mesmo por se autodeclararem artistas natos.

A seguir, cito alguns exemplos de ícones do auge do transformismo:

Eric Barreto, conhecido por personificar Carmem Miranda em shows e em Casas de Espetáculos. Também Interpretou Carmem Miranda no filme *Bananas ismy Business*.



Figura 4 - Eric Barreto- ator transformista

Madame Satã, um ator transformista emblemático que frequentava os bares boêmios da Lapa, nos anos de 1980, um mundo marginal. Ele apresentava seus shows em casas noturnas. Foi representado no filme *Madame Satã*.



Figura 5 - João Francisco dos Santos- ator transformista

No Rio Grande do Sul, destaco João Carlos Castanha, que personificou Maria Helena Castanha, personagem famosa nas noites de Porto Alegre por suas performances hilárias e suas críticas sociais. Ganhou notoriedade mundial com o filme autobiográfico *Castanha*.



Figura 6 - João Carlos Castanha - Ator transformista

Acontece muito de o senso comum confundir *crossdressers* e *dragqueens* com transexuais e travestis, sendo que as duas primeiras são expressões artísticas e performáticas e as duas últimas são identidades de gênero, ou seja, como a pessoa se coloca e se sente diante de si mesma e da sociedade.

Outro termo que precisa ser elucidado é “intersexual”, termo ainda pouco conhecido. Conforme aponta o sociólogo Amiel Vieira,

As definições médicas vão falar que a intersexualidade é uma anomalia genética, mas você enxerga na natureza casos prevalentes de intersexualidade. Nas plantas e nos animais isso não é um problema. Hoje, para mim, a intersexualidade é um acontecimento durante o encontro dos DNAs humanos que se insere na evolução. O corpo intersexo é parte da humanidade, mas como temos a prática cultural de padronizar corpos e criar estereótipos, ele é visto como anômalo. (VIEIRA, 2018)

Amiel Vieira nasceu com características genéticas de ambos os sexos. Sua família, sem conhecimento sobre os estudos de gênero, impôs-lhe o gênero feminino na infância, submetendo-o a uma cirurgia. Conforme aponta André Cabetre Fábio, que realizou uma entrevista com Amiel,

O caso de Amiel não é isolado. Há dezenas de particularidades que fazem com que pessoas desenvolvam características reprodutivas ou sexuais que não parecem se encaixar nas definições típicas de masculino ou feminino. Isso inclui, por exemplo, o formato do sexo, a distribuição da gordura no corpo, e a disposição dos órgãos reprodutivos internos. O termo “hermafroditismo” já foi usado para definir a ocorrência desses tipos de corpos em seres humanos, mas vem sendo rebatido nos campos médico e social. Em geral, a anatomia intersexual tem causas genéticas. Há casos em que ela só se manifesta a partir da puberdade, ou em que é mais dificilmente perceptível -por exemplo, pessoas que têm características sexuais externas femininas, mas cuja carga genética é masculina. (FÁBIO, 2018, s./p.).

A imposição do gênero feminino para Amiel, que passou a questionar sua sexualidade quando chegou à puberdade, o levou a sofrer as consequências da intervenção a que foi submetido o seu corpo ainda na infância. Não permitiram a ele que pudesse ser quem ele é. Agora, ele luta pelo reconhecimento de seu gênero masculino, se identificando com a transmasculinidade.

No meu ponto de vista, a maior crueldade que podem fazer com uma criança que nasce biologicamente intersexual é não aguardarem o crescimento e não permitirem que essas pessoas vivam plenamente o gênero ao qual se identificam. O correto seria observar o crescimento e o comportamento do indivíduo nessa condição.

Já a expressão “transexual” é mais conhecida. Segundo Lanz,

Transexual: (TS) Termo oriundo da área médica, criado nos EUA pelo Dr. Harry Benjamin, na década de 1950, para designar pessoas consideradas portadoras, no grau mais avançado, de um distúrbio mental que ele chamou de Transtorno de Identidade de Gênero. Esse distúrbio consistiria numa profunda identificação da pessoa transexual com o gênero oposto. Nesse caso, o órgão sexual seria visto como um apêndice, algo não pertencente ao seu corpo e que, portanto, deveria ser erradicado. Esse discurso encontra-se hoje em dia em franco desuso e decadência, além de continuamente despertar a ira de grande parte do ativismo transgênero em virtude do essencialismo contido nessas falas. (LANZ, 2016, p.429).



Figura 7 - Atrizes trans: Nany People e Carol Marra



Figura 8 - Atrizes trans: Maria Clara Espinelli e Glamour Garcia

Os movimentos sociais de travestis e transexuais não fazem distinção entre essas duas nomenclaturas. Geralmente são chamadas travestis as que têm mais idade e se identificam com o termo, pioneiro. Depois, no início do séc. XXI, o termo transexual ganhou mais força, notoriedade e representatividade nos movimentos TT (travestis e transexuais), como forma de incluir os homens trans e as mulheres trans na mesma luta de classes.

Em oposição ao transexual há o “cisgênero”, resposta ao termo transgênero, que denomina pessoas que se identificam com o gênero de nascença, também conhecidas como gênero conforme.

Cisgênero: (do grego cis = em conformidade com; conforme+ gênero) – a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função ao seu órgão genital (macho ou fêmea). Indivíduos cisgêneros estão de acordo, e normalmente se sentem confortáveis, com os códigos de conduta (incluindo vestuário) e papéis sociais atribuídos ao gênero a que pertencem, ao contrário de indivíduos transgêneros. Eles podem ter diferentes tipos de orientação sexual: hétero, bi, assexual e homossexual, a mesma coisa acontecendo no campo transgênero. Identidade de gênero não define orientação sexual. (LANZ, 2016, p.403).

Lembrando que pessoas cisgêneras podem ser homossexuais, bissexuais ou lésbicas. É diferente de identidade de gênero. Exemplo: uma mulher trans pode ser lésbica ou um homem trans pode ser homossexual.

Transgênero: Todo tipo de pessoa envolvida em atividades que cruzam as fronteiras socialmente aceitas no que diz respeito à conduta preconizada pelo dispositivo binário de gênero. Um amplo espectro de comportamentos considerados transgressivos. O termo transgênero vem sendo utilizado para classificar as pessoas que, de alguma forma, não podem ser socialmente reconhecidas nem como “homem”, nem como “mulher”, pois o seu “sexo social” não se enquadra em nenhuma das duas categorias disponíveis, que são masculino e feminino. (LANZ, 2016, p.428).

Em concordância com Lanz, entendo transgênero (tradução do inglês; *transgender*) como um termo guarda-chuva, que engloba mais de cinquenta gêneros. Transgêneros são pessoas que se identificam com um gênero contrário àquele que lhe foi atribuído pela biologia corporal ao nascerem, que transgridem todas as expressões, pensamentos, palavras, vestimentas e desejos binários. A transgeneridade pode ser total ou parcial, temporária ou definitiva. Está ligada a pessoas que possuem alguma querela com o enquadramento de gênero que receberam ao nascer. A definição de pessoas transgêneras está na origem da criação do neologismo tranvestigênere que deriva do termo transgênero, mas apresenta uma maior abrangência, dando representatividade a identidades que estavam na margem da margem.

Segundo Lanz (2016), podem existir infinitas categorias gênero-divergentes.

Na atualidade as atrizes trans se empoderaram, de modo que a pessoa trans em cena, e em outros espaços, se tornam corpos políticos, de resistência, de local de fala e de propriedade sobre suas vivências. Assim, no ano de 2017, o Grupo MONART reivindicou o lugar de pessoas transem cena e se juntou para lutar contra o *transfake*, que se dá quando pessoas cis tomam o local de fala de pessoas transem cena. Note-se que os negros fizeram reivindicação análoga contra o *blackface*⁶ e, hoje, as pessoas transvestigêneres lutam pelo seu espaço nas artes através da representatividade.

O termo não-binário, por sua vez, refere-se às pessoas que não se percebem

⁶ A origem do *blackface* aconteceu no teatro dos Estados Unidos, mas logo ganhou popularidade e atravessou todo o mundo. A prática se tornou algo bastante comum na Grã-Bretanha e chegou até a ganhar programas na televisão em horário nobre. O problema não estava apenas no fato de os negros não poderem participar das peças de teatro; a forma como eles eram representados pelos brancos era caricata e exagerada, tendo como o único objetivo servir de graça para a aristocracia branca-escravocrata, com o único intuito de ridicularizar os negros. (LÍGIA, 2016, s./p.)

como pertencentes a um gênero exclusivamente

Não-binário: É um dos muitos termos usados para descrever pessoas cuja identidade de gênero não é nem inteiramente masculina nem inteiramente feminina. Os indivíduos que são não-binários podem usar outros termos também como o agênero, *queer*, ou *genderqueer*. Muitas pessoas não-binárias não usam os pronomes ele ou ela porque não se sentem bem. Outras pessoas podem usar ele ou ela, mas ainda não sentem internamente que são inteiramente masculinas ou femininas. (GRINDR, s./d., s./p.).

Pessoas não-binárias podem se identificar com diversas identidades de gênero, entre elas:

Bigênero (de dois gêneros) - Poligênera/Poligênero (pessoa de vários gêneros) - Agênero (pessoa sem gênero)- Gênero neutro (pessoa que se identifica com um gênero neutro) -Intergênera/Intergênero (gênero, de uma pessoa intersexo, que está entre as binariedades) - Demigênero (pessoa parcialmente homem ou mulher) Terceiro gênero (outro gênero que não seja homem ou mulher, incluindo pessoas que não nomeiam seu gênero)- Gênero fluido (fluidez entre os gêneros). (WIKIPÉDIA, 2019, s./p.).

Gostaria que não fossem necessárias todas estas nomenclaturas de gênero. Gostaria que não tivéssemos que lutar por equidade de gênero, mas diante da atual conjuntura política e dos retrocessos culturais, vejo que é muito importante falarmos sobre os estudos de gênero, como forma de educar a população em geral. Se faz necessário que reivindicemos nossos direitos como pessoas que lutam para existir, uma vez que ainda somos vistas com tabus e preconceitos intrínsecos na cultura e na criação da sociedade, em sua maioria, heteronormativa, sexista, misógina, racista e LGBTfóbica.

Proponho, ainda, uma definição para transativismo, considerando trans as pessoas que transicionam de gênero por atribuição ao sexo de nascença (pode ser de feminino para masculino ou masculino para feminino) ou não se identificam nem com um nem com outro. Portanto, transativismo se caracteriza como artistas que utilizam o corpo como plataforma artística, política, revolucionária e potente, sem esquecer que este corpo é também comunicativo, performativo, político, estético, ético e, sobretudo, discursivo. Sendo assim, transativismo é uma manifestação praticada por artistas transvestigêneres. Se o neologismo usado proposto fosse ativismo, poderiam estar incluídas outras vertentes do ativismo através das artes. Qualquer artista pode ser um ativista, mas neste texto me refiro a artistas trans e ativistas.

Existem vários exemplos de artistas transativistas ou transativistas. Na

música, destaco Liniker, Linn da Quebrada⁷, Majur, Leona Vingativa, entre outras.



Figura 2 - Fotos: Liniker e Linn da Quebrada (esquerda para direita)



Figura 3 - Fotos: Majur e Leona Vingativa (esquerda para direita)

No teatro temos Renata Carvalho, Dandara Vital, Mel Campus, Renata Péron, Nany People, Jani de Castro, entre outras.



Figura 4 - Fotos: Atrizes trans– DandaraVital, Mel Campus, Renata Peron (esquerda para direita).

A cantora e *performer* Linn da Quebrada traz, através de suas músicas,

⁷Exemplo: testemunha de Jeová, a cantora usa a música para romper tabus de gênero e sexualidade. Lançou o álbum musical Pajubá, em 2017, em 2018 estreou seu filme longa-metragem sobre sua trajetória, Bicha Travesty, no Festival de Berlim. O filme venceu a categoria documentária no Teddy Award, competição paralela dedicada ao cinema de temática LGBT (CAPELHUCHNIK; MONTEIRO, 2019).

questões como a luta por direitos raciais, de gênero e de classe social. No artigo “Eu Gosto mesmo é das Bixas: Reflexões sobre Identidade ao som de Linn da Quebrada”, de Renata Carvalho aponta:

Um exemplo é a Linn da Quebrada que, através do funk, demonstra a desestabilização desse sistema nos revelando sujeitos até então não reconhecidos socialmente, não legitimados, ressignificando, evidenciando subjetividades e estabelecendo conexões distintas de suas diferenças sem cair em uma visão de apenas submissão e desigualdade. Ela retrata, em suas músicas, esses sujeitos como sendo as ‘bichas’ afeminadas, as ‘bichas’ pretas, as ‘bichas’ travestis, as pessoas trans e todos os corpos que não cabem em um padrão normativo. Assim, Linn se torna potente para pensar esses sujeitos existentes, mas historicamente apagados dos locais de maior reconhecimento, sujeitos tidos como não inteligíveis, mas que precisam ser vistos como tendo agência, isto é, a capacidade de agir a partir da mediação cultural e social, construídas a despeito de uma negociação (PISCITELLI, 2008). Agência essa que no caso dela é confeccionada junto ao funk, que fala a partir da margem e que tende a contribuir significativamente com o processo de reconhecimento. No clipe “Mulher”, Linn apresenta a personagem central de sua história: “De noite pelas calçadas / Andando de esquina em esquina / Não é homem nem mulher / É uma trava feminina”. (CARVALHO, 2019, p. 18).

Ela abarca a interseccionalidade do transativismo das bichas, trans, negras e faveladas de uma forma mais visceral e incisiva, como ela se intitula: “terrorista de gênero”, sarcástica. Através do funk (lugar majoritariamente masculino), ela se empodera e se posiciona como um ser pensante, que através da linguagem musical ou falada levanta questões que abalam as estruturas heteronormativas. Ela é uma das grandes representatividades transativistas do momento.

A seguir, apresento algumas pessoas trans nas universidades, no campo das Licenciaturas.

2.2 Representatividade transvestigênera na universidade brasileira



Figura 5 - Andreia Lais Cantelli

Andreia Lais Cantelli⁸: Atualmente é mestranda em Educação, na linha de

⁸Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0182578967339943>

pesquisa: Cultura, Escola e Ensino, pela Universidade Federal do Paraná. Possui graduação em Estudos Sociais - História - Faculdades Integradas Espírita (2005). Possui Especialização em Metodologia do Ensino da História - Facinter (2010). Possui aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, IFES (2014). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação para a Diversidade Sexual. Trabalhou como docente de História no ensino fundamental II e no ensino médio da rede pública de educação do estado do Paraná.



Figura 6 – Dani Balbi

Dani Balbi: É doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e atua como professora na Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e diretora Nacional da UNALGBTQI+. Em 2015, concorreu ao cargo de Deputada Estadual no Rio de Janeiro pelo PCdoB.

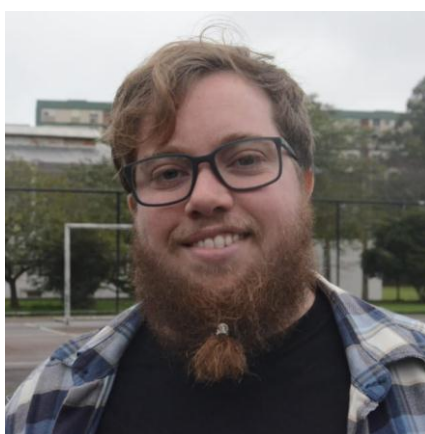


Figura 14– Eric Seger de Camargo

Eric Seger de Camargo⁹: Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Integrante do IBTE, Ativista LGBT e dos Direitos humanos, autor de vários artigos publicados.

⁹Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/8287255283561653>



Figura 15 – Letícia Caroline Pereira do Nascimento

Letícia Caroline Pereira do Nascimento: Mestre em pedagogia e doutoranda, atualmente é professora da Universidade Federal do Piauí.



Figura 16 – Luma Nogueira

Luma Nogueira de Andrade: Foi a primeira mulher trans a concluir um doutorado no Brasil na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e atualmente é professora no Instituto de Humanidades e Letras (IHL) na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Sua tese de doutorado, intitulada “Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa”, defendida em 2012, buscou “desvendar as resistências e assujeitamentos das jovens travestis na escola”, encontrando em sua pesquisa evidências das táticas utilizadas pelas jovens/estudantes/travestis “para burlar a disciplina e o controle e produzir linhas de fuga para o acesso e a permanência no espaço escolar” (ANDRADE, 2012). Em sua pesquisa, Luma denomina de Pedagogia da Violência o processo de exclusão das pessoas trans na escola, que as leva a o que ela identifica como “evasão involuntária”.



Figura 17–MeggRayara Gomes de Oliveira. Doutora em Educação.

MeggRayara Gomes de Oliveira¹⁰: Possui graduação em Licenciatura em Desenho (1994) e Especialização em História da Arte (1996) pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná; Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Educação e Ações Afirmativas no Brasil pela Universidade Tuiuti do Paraná (2008); Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2012), Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2017). Professora adjunta no setor de educação e professora no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná. Discute os seguintes temas: relações raciais, arte africana, arte afro-brasileira, gênero e diversidade sexual. Em junho de 2018, foi indicada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná para representar o referido programa ao prêmio CAPES de melhor tese de 2017. Em sua tese “O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação”, analisa as “experiências de gays afeminados, viados e bichas pretas na escola”, buscando “identificar os elementos que incidem de maneira positiva nos processos de subjetivação das experiências negras que fogem à norma cis heterossexual e como esses elementos são agenciados no interior da escola”. (OLIVEIRA, 2017)

¹⁰Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0966589193883906>



Figura18 - Sara Wagner York

Sara Wagner York¹¹. Graduada em Letras – Inglês e Literaturas em Língua Inglesa (Licenciatura / UNESA) e Pedagogia (Licenciatura / UERJ). Voluntária por dois anos junto a ONG Britânica Sahir House no Reino Unido que atua em ações de inclusão de refugiados oriundos do Oriente Médio e África. Desenvolve pesquisa em transmigrações, movimentos LGBTI+ e Educação (Escola pública, infâncias, crianças e adolescentes) e formação para educação democrática. Premiada com a Medalha ALUMNI da Universidade Estácio de Sá (2017) pelos trabalhos científicos desenvolvidos na instituição e atuação junto à comunidade, participa de grupos focais Trans/travestis, QUEER e CRIP. Especialista em Escola de Tempo Integral e Mestranda em Educação - pelo GENI - Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade e(m) Interseccionalidades na Educação e(m) Saúde, cujo pesquisas são norteadas pelo Prof. Dr. Fernando A. Pocahy - ProPEd - UERJ. Bolsista CNPq. Diretora de Direitos Humanos da Associação de Pós-Graduandos da UERJ.

¹¹Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9084306265158131>



Figura 19–SayonaraNaider Bonfim Nogueira

Sayonara Naider Bonfim Nogueira¹²: Licenciada em geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Cândido Mendes. Coordenadora Pedagógica pela Universidade Federal de Uberlândia. Técnica em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora, Gestora Pública, Vice-Presidente do Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE) e Assessora do Comitê Trans da Rede Ibero-Americana de Educação LGBTI.

2.3 Redes de apoio

As Redes de proteção para a população transvestigênera— travestis, transexuais e não binárias – são de suma importância para reivindicarem seus direitos como pessoas. Existem dezenas de Redes e centenas de Ongs no Brasil voltadas para a população trans, seja a nível nacional, estadual ou municipal. Existem as duas maiores Redes Nacionais de pessoas trans do Brasil: a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e Rede Trans Brasil. Também existem as redes voltadas para pessoas trans que praticam a licenciatura, entre elas está o Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), com pessoas trans na graduação, mestrado e doutorado. As mesmas promovem Congressos e Encontros específicos, também com participação de estudiosos cisgêneros que pesquisam sobre a temática Trans.

Como exemplo, a seguir apresento os principais propósitos da Rede ANTRA

¹²Endereço para acessar este CV:<http://lattes.cnpq.br/0271831370448620>

e do IBTE.

A ANTRA promove campanhas e propostas pelos direitos das travestis e transexuais, trabalha com Direitos Humanos e colabora junto com outras Redes. Denuncia em todos os meios de comunicação o preconceito e a discriminação por identidade de gênero e acolhe as pessoas que vivem e convivem com HIV/Aids. Atua diretamente com a inserção de pessoas trans e travestis na política e na criação de ambientes favoráveis para a população de travestis e transexuais.

O IBTE surgiu em 2017, formado especialmente por professoras/es, pesquisadoras/es travestis mulheres e homens transexuais. Articula, juntamente com as secretarias de educação, dos municípios, dos estados, assim como com o MEC, parcerias com grupos de pesquisas de Universidades idealizados por pessoas travestis e transexuais, também contando com a parceria das pessoas cisgêneras. Monitora o nível de violência contra pessoas trans nas escolas.

É importante destacar que, em 2018, pela primeira vez na história do Brasil, foram eleitas representantes transexuais nas assembleias legislativas do país: Robeyoncé de Lima, deputada estadual eleita pela chapa coletiva Juntas, em Pernambuco; e Erika Hilton, do mandato estadual coletivo da Bancada Ativista, e Erica Malunguinho, deputada estadual pelo Psol, em São Paulo.

Sempre tive o sonho de retornar aos estudos, ter o direito como qualquer outra pessoa dita “normal” pelos padrões impostos pela sociedade, mas a vida escolar me foi ceifada junto com a vida familiar, muito precocemente. Aos 16 anos tive que ir embora da minha terra natal, Pelotas/RS, por ser uma pessoa de gênero divergente, ou seja, uma pessoa que transgrediu as normas binárias de gênero. Na época (década de 1980), o único termo conhecido era travesti e por ser assim fui excluída da família, da escola e da cidade. Esse foi o preço que paguei por simplesmente existir e não me identificar com o gênero que me foi imposto ao nascer.

Depois de enfrentar todas as adversidades da vida e também muitas conquistas, quinze anos depois voltei à minha cidade, em 2002. Retornei aos palcos pelotenses. No Grupo Oficina, coordenado pelo diretor Flávio Dorneles, participei de diversas apresentações de esquetes e também de adaptações de peças teatrais, onde estreei representando a Rainha em *a Rainha de Fuleiró contra Nadin Nadinha* e a Poderosa em *Aqueles que São*. Estava totalmente transformada na mulher que sobreviveu e resistiu a tudo e a todos que disseram que eu nunca seria uma mulher,

que nunca seria um ser humano, que nunca teria um emprego, uma família e que eu já estaria premeditada a morrer precocemente. Felizmente, o jogo virou.

No ano de 2013, ingressei na Universidade Federal de Pelotas, no curso de Teatro Licenciatura. Na ocasião, estava com duas peças teatrais em cartaz: *O Cárcere da Alma Feminina*, que teve direção e texto de Maicon Barbosa, e *4.5 a Toda Potência*, com direção e texto de Joice Lima.

A sede de conhecimento e o incentivo dos amigos atores, dramaturgos e família me motivaram a ingressar no Curso de Teatro. Um sonho que jamais imaginaria concretizar: ingressar em uma faculdade e hoje estar escrevendo o meu trabalho de conclusão de curso.

Minha inclusão na Universidade foi um divisor de águas, entrei como atriz e no percurso me tornei ativista LGBT. Jamais esquecerei o reconhecimento dos colegas e professores, por terem me acolhido como uma segunda família. Foi na Universidade que percebi e percebo que uma pessoa transexual presente em um espaço de poder é um ato político. A universidade colaborou para que eu sentisse que a amorosidade e a empatia ao próximo são essenciais para a evolução da educação e do conhecimento, sendo assim cito o educador e filósofo Paulo Freire, quando ele associa o ato de educar ao ato de amar:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. (FREIRE, 1987, p. 55).

Além dos aprendizados e conhecimentos sobre Teatro Licenciatura, minha militância pela causa LGBT, principalmente das pessoas transvestigêneres, surgiu como necessária e requisitada pela academia. Comecei a ser chamada para palestras (o tema da transexualidade está em alta nos estudos acadêmicos) e, por ter uma bagagem de anos como militante e atriz trans, senti-me na obrigação ética de informar mais as pessoas sobre a temática.

Meu conhecimento da causa e os meus locais de fala se tornaram parte da universidade. No segundo ano fiz parte do Centro Acadêmico do Curso de Teatro(CAT). A percepção de estar dentro de um espaço que nenhuma pessoa transativista estivera antes me fez sentir incluída. As aulas continuavam e eu estava cada vez mais imbuída pelo saber teatral.

Em 2015, fui convidada a participar das eleições do Diretório Acadêmico

Estudantil. Aceitei, na condição de ser a Coordenadora de Combate a Opressão e Vulnerabilidade. Ganhamos as eleições e minha militância passou a ser reconhecida na Universidade.

As demandas eram tantas que no primeiro semestre, no ano de 2015, minhas notas caíram, pois precisava socorrer/alunos em casos de vulnerabilidade. Ajudava levando alimentos para colegas de vários cursos em ocupações, socorria casos de agressões LGBTfóbicas e contra alunas mulheres, denunciava casos de discriminação e discursos de ódio na mídia, promovia debates sobre Gênero e Sexualidade, entre eventos promovidos pelo Diretório Central dos Estudantes.

A universidade, aos poucos, passou a reconhecer as demandas de alunes LGBTs, algo que sempre reivindiquei como aluna. No ano de 2017, fui convidada para participar da coordenação do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEN/UFPEI), em trabalho até hoje levando a formação sobre identidade de Gênero e Sexualidade, dentro e fora da universidade, em encontros regionais e nacionais, conquistando uma cadeira no Conselho LGBT Estadual.

Não há como não associara minha presença como a de um corpo político, sobretudo considerando que somente 0,02% da população transvestigênera tem acesso à universidade.

Muitas vezes, a academia não consegue dar visibilidade para nossas existências porque ela está trabalhando com outras fontes de pesquisa. O olhar de um autor, pesquisador ou diretor que não vivencia a nossa realidade. Mesmo quando nos descrevem minuciosamente, o que são nossos sentimentos, eles não conseguem expressar nunca a essência, pois já partem de uma pesquisa que tem outro olhar, por exemplo, diante da prostituição.

3 O CORPO TRANSVESTIGÊNERE NA CENA E NA SALA DE AULA

3.1 O Cárcere da Alma Feminina

A peça teatral *O Cárcere da Alma Feminina* surgiu em uma disciplina de Encenação, no ano de 2011, no Curso de Teatro Licenciatura UFPel, tendo como diretor o discente Maicon Barbosa. Na ocasião, ele me convidou para representar uma transexual.

A peça foi inspirada em passagens da minha vida e no poema de Glória Horta, “Poema Gay”, dos anos de 1980, que evidentemente trazia a narrativa da vida de uma pessoa trans.

Poema Gay

O falo é um fardo
o corpo, a farda da farsa,
e eu sou o grito, o berro, o urro, o erro
minh'alma é uma menina e meu corpo uma mentira
não sou homem nem mulher
um ser que sobra e falta e desencontra
num mundo diferente de todos os mundos,
o que me conduz é a impossibilidade
o que me reduz é a incompreensão
olham-me como se eu fosse um bicho de outra espécie
e riem e criticam e excluem e odeiam
como se eu fosse um pecado, um errado, doente ou sacana.
Pobre de nós,
mulheres encarceradas em corpo que não é o nosso
como uma alma penada
sapato apertado que não nos pertence
assim eu me sinto cheio de calos,
sufocado, asfixiado, apaixonado
e o espelho me nega
e eu me acho um bicho de outra espécie,
pecado, errado doente ou sacana.
Ah, mas às vezes
eu penso que sou uma mulher enfeitada
que teve alterada sua forma
mas que um dia vai se quebrar o encanto

e todo esse engano vai acabar
 como se eu tivesse sido sempre uma menina encantada.
 Que troca de embalagens foi esta aí dos deuses
 que já me mandaram nascer nesse mundo enjoado
 com desvantagem
 encarnando minh'alma em corpo errado
 como se houvesse um corpo de homem sobrando
 e uma alma feminina condenada?

Logo que li o poema me identifiquei com a personagem, como pessoa e atriz. Refleti que seria o maior desafio da minha vida, representar a minha história e fazer com que outras pessoas trans se sentissem representadas.

Pela primeira vez durante a minha carreira como atriz havia sido convidada para representar uma transexual, em cenas específicas que narravam partes da minha vida. Começaram os ensaios com o elenco, em que participavam a atriz Jandira Brito, representando a mãe da personagem, o ator Miguel Dávila, interpretando o personagem do senador Macedo, dois atores mirins, Diogo e Paulo, que interpretavam, em circunstâncias distintas, a infância de Thábata e a dona da Casa de Espetáculos, Zazá, interpretada pela atriz Francine Mohamed.

Não houve como não me envolver totalmente com a peça teatral, ainda mais carregando a responsabilidade de representar também as vidas de outras pessoas trans.

A estreia do espetáculo aconteceu, em 2011, no Teatro do Círculo Operário Pelotense (COP). Ocorreram várias apresentações: em 2012 no Conservatório de Música, para um evento da Universidade Federal de Pelotas, Fronteiras da Diversidade, onde se discutiu sobre a diversidade sexual; em 2013, na Mostra Competitiva do Projeto Fenadoce Cultural, onde o espetáculo obteve o 2º lugar no Festival de Teatro em Rosário do Sul, obtendo duas indicações, melhor trilha sonora de Cristiano Morales e melhor atriz coadjuvante de Jandira Brito; e, também, no Festival Pedritense de Teatro, onde o espetáculo obteve várias indicações, tais como: cenário, figurino, ator coadjuvante, atriz coadjuvante, atriz, diretor e trilha sonora, onde conquistou dois prêmios, melhor atriz coadjuvante para Jandira Brito e prêmio especial do júri ao jovem ator Diogo Sousa. No mesmo ano, o espetáculo obteve financiamento do Pró-Cultura, o qual proporcionou 20 apresentações na cidade de Pelotas, sendo que 16 foram realizadas em escolas públicas.

Na coxia, metade de mim era a figura ficcional e a outra tudo o que tinha vivido e estava prestes a exorcizar, já que algumas das adversidades pelas quais havia passado em minha vida seriam representadas na peça.

A seguir, faço um relato do enredo de *O cárcere* e das minhas percepções acerca da experiência como atriz em um espetáculo que promoveu reflexões sobre o corpo transvestigêner.



Figura 20 - Foto: Divulgação do Espetáculo

As orações antes de entrar em cena eram o meu ritual. Depois, ouvia o burburinho do público, antes de tocar o primeiro sinal. Já estava pronta para encarnar várias vidas em uma só e cabia a mim trocar esta vibração inefável com o público.

Quando se abriam as cortinas, o espectador via dois focos de luz: um em Thábata, no camarim, preparando-se para mais um show em uma Casa de Espetáculos; e no outro foco se via Paulo, interpretando Thábata na infância junto com sua mãe, Ana Luíza.



Figura 21 - Fotos: Divulgação Espetáculo

Nesse trecho da peça já começavam a surgir dentro da minha alma todas as discriminações que uma pessoa de gênero divergente sofre. A peça era um grito de socorro em nome da comunidade transvestigênera.



Figura 22 - Fotos: Divulgação do Espetáculo

A peça revelava lembranças da infância de Thábata, mas era a minha infância ali autobiografada, não tinha como fugir da memória emotiva.

Em outro momento do espetáculo, abria-se outro foco, que revelava uma memória de infância da personagem. Ela recordando de sua infância, colocando o vestido de sua irmã, maquiando-se e dançando, até ser surpreendida por sua mãe e repreendida veementemente. A mãe, preocupada, fala que isso é coisa de menina e que era pecado.

Posteriormente, outro foco se abria sobre Thábata. Ela olhava para seu reflexo no espelho e não reconhecia seu corpo como sendo seu. Neste momento, a peça começava a tomar uma proporção de dramaticidade tão densa que não existia mais somente a representação em si, acontecia uma atmosfera especial entre personagem e público. A sensação é de que criávamos uma conexão, pois eles compreendiam e se colocavam no lugar da personagem. Enquanto representava no palco, ouvia choros na plateia, era a catarse¹³ acontecendo.

¹³ O termo provém do grego “*kátharsis*” e é utilizado para designar o estado de libertação psíquica que o ser humano vivencia quando consegue superar algum trauma como medo, opressão ou outra perturbação psíquica. Através de terapias clínicas como a hipnose ou a regressão, é possível resgatar as memórias que provocaram o trauma, levando o indivíduo a atingir diferentes emoções que podem conduzir à cura. (SIGNIFICADOS, 2019, s./p.).

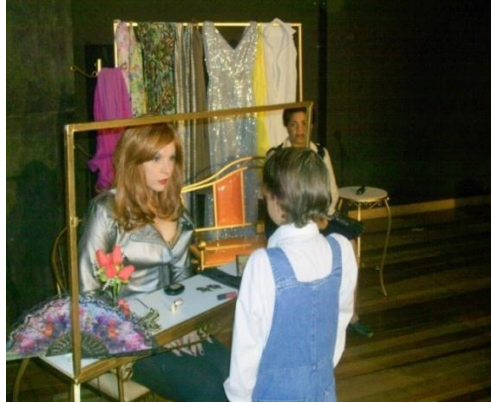


Figura 23 - Foto: Divulgação Espetáculo



Figura 24 - Fotos: Divulgação Espetáculo

Na hora do show de Thábata, a música cantada era “Balada de Gisberta”, inspirada na transexual Gisberta, brasileira, assassinada cruelmente na cidade do Porto, em Portugal:

Balada de Gisberta

Perdi-me do nome,
 Hoje podes chamar-me de tua,
 Dancei em palácios,
 Hoje danço na rua.
 Vesti-me de sonhos,
 Hoje visto as bermas da estrada,
 De que serve voltar
 Quando se volta p'ró nada.

Eu não sei se um anjo me chama,
 Eu não sei dos mil homens na cama
 E o céu não pode esperar.
 Eu não sei se a noite me leva,
 Eu não ouço o meu grito na treva,
 E o fim vem-me buscar.
 Sambei na avenida,
 No escuro fui porta-estandarte,
 Apagaram-se as luzes,
 É o futuro que parte.
 Escrevi o desejo,
 Corações que já esqueci,

Com sedas matei
E com ferros morri.

Trouxe pouco,
Levo menos,
E a distância até ao fundo é tão pequena,
No fundo, é tão pequena,
A queda.
E o amor é tão longe,
O amor é tão longe
E a dor é tão perto.

Pedro Abrunhosa

A peça denunciava os ataques transfóbicos, a exclusão familiar e social. Levantava também a temática da religiosidade, a política e a luta de classes, diante de uma sociedade que coloca pessoas transvestigêneres como pecadoras e as criminaliza por serem de gênero divergente. Ao longo da peça, as emoções eram tão verossímeis que se espalhavam pelo teatro e tomavam conta do público.



Figura 25 - Foto: Divulgação Espetáculo

Depois do show, a dona da casa de espetáculos fala para Thábata que há um senador que gostaria de visitá-la no camarim. A atriz acaba recebendo o senador, que não sabe que ela é transexual. Ele entra com um buquê de flores nas mãos, galanteador, diz que está apaixonado por ela e faz propostas de um futuro de sucesso para a artista. Thábata acaba se envolvendo com as palavras do senador, eles começam a se beijar e a trocar carícias, mas como ela iria falar que era uma transexual e que ainda não tinha feito a cirurgia de redesignação? Aquele homem que ela estava quase tendo uma relação não sabia sobre a identidade de gênero dela.



Figura 26 - Foto: Divulgação do Espetáculo

Nessa cena, vinham à tona todos os conflitos de uma pessoa trans, vivida e representada por uma atriz trans. Era tudo muito real. Nesse momento percebo o quanto a representatividade trans no teatro é importante, o quanto dar espaço para atrizes trans é uma questão social, de saúde pública e representatividade. Isso porque é trabalho essencial do teatro desconstruir estigmas, problematizar conceitos e incluir a representatividade e a temática trans em cena.



Figura 27 - Foto: Divulgação Espetáculo

Thábata revela ao seu admirador que é uma mulher transexual e ele fica totalmente descontrolado, não havia percebido a sua transexualidade. O personagem do senador torna-se agressivo, acusa-a de estar participando de alguma armadilha contra ele, a chama de aberração, a agride verbalmente e fisicamente até cuspir no rosto dela e dizer que ela jamais será uma mulher de verdade, saindo de cena.

Segundo o autor Maicon Barbosa, esse momento representava o ápice do espetáculo, sendo necessário para o desenrolar do mesmo, pois o público já sabia da transvestilidade da personagem. O senador, vivido pelo ator Miguel Dávila, na

ficção, não percebia a identidade de gênero da personagem, representando o simbolismo da transfobia estrutural.

A interseccionalidade é um conjunto de fatores que atravessam o corpo de modo a borrar as compreensões de exclusão de determinados conceitos. Por exemplo, uma pessoa trans e negra irá sofrer mais preconceito que uma pessoa trans branca, ou uma pessoa trans, negra, periférica, ou até mesmo uma pessoa moradora de rua, sofrem com olhares de exclusão, reprovação e desprezo quando se movimentam em lugares públicos ou privados. A transfobia estrutural causa a exclusão diariamente da população trans, colocando-nos como se fôssemos uma subclasse. Historicamente fomos marginalizadas, excluídas e desumanizadas pelo simples fato de existir.



Figura 28 - Foto: Divulgação do Espetáculo

Nesse momento, as subjetividades do personagem são reveladas. O senador representa o olhar de como a grande maioria da sociedade vigente e a classe dominante, heteronormativa e preconceituosa, reage diante de um corpo transvestigênere.

A cena em que Thábata cai ao chão exigiu muito do meu trabalho como atriz, militante LGBT e mulher trans. Era a hora do suicídio, ao mesmo tempo me vinha a lembrança das minhas irmãs de dor, me vinha à mente o sofrimento de Stefhany, de Manuela, Juliana e tantas outras. Nesse momento da cena, Thábata representava o sofrimento de toda a comunidade trans.

Para Stanislavski, a pesquisa em teatro se dá no “si mesmo” do ator. Pesquisar o si mesmo é pesquisar a vida inteira; no caso do teatro, é fazer a vida acontecer na cena. O acontecimento da vida no palco é o acontecimento desse si mesmo com todas as suas complexidades; é tornar-se linguagem própria à cena. O si mesmo, em constante transformação na

impermanência do tempo, constitui seu repertório de vivências e revivências e nos traz questões fundamentais como memória, ação, linguagem e silêncio. (CAPELIOVITCH, 2016, p. 76).



Figura 29 - Foto: Divulgação Espetáculo

Ali me tornei porta voz de uma população silenciada durante décadas, marginalizada, excluída e desumanizada. O “peso” da personagem que carregava em minhas costas era de corpos assassinados cruelmente por pessoas desumanas, que olhavam para Thábata ou Marcia e a população trans como aberrações, seres demoníacos que precisam ser exterminados por causarem o desejo do pecado, por mexerem com a masculinidade tóxica incrustada na sociedade.

Com iluminação vermelha e música de suspense, a quarta parede era quebrada e Thábata olhava fixamente para o público, ali, caída no chão em lágrimas.

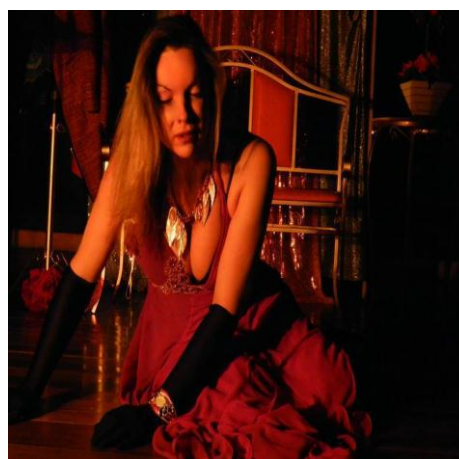
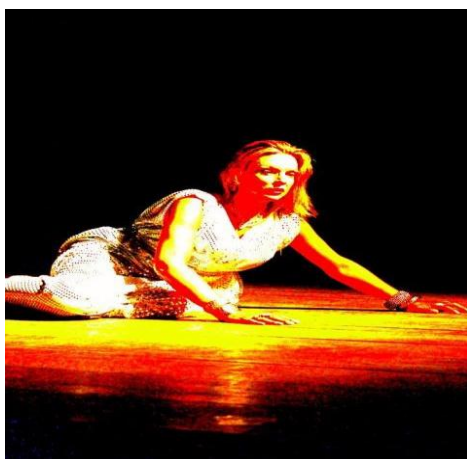


Figura 30 - Fotos: Divulgação Espetáculo

Thábata levantava-se olhando para o público como um pedido de socorro, virava o seu olhar para o espelho, sentindo-se “uma aberração, um pecado, doente ou sacana”. Se dirigia até a bolsa onde guardava comprimidos ansiolíticos. Ela sabia

que ao tomar todo o vidro de remédios com o champanhe que o senador tinha oferecido antes do seu show, acabaria com o seu sofrimento.



Figura 31 - Fotos: Divulgação Espetáculo

A protagonista clamava por piedade. Por ter nascido em um corpo que não a pertencia, ela não queria mais viver assim. Ela pegava o frasco de remédios e olhava para ele como se fosse a única forma de acabar com a sua dor. Virava o frasco de remédios na boca e tomava a garrafa do champanhe. Os remédios começavam a fazer efeito, ela tomava todo o frasco e começava a delirar. Nesse momento dois focos de luz se acendiam. Em um foco, Thábata caída quase inconsciente, no outro, a criança e a mãe orando antes de dormir.



Figura 32 - Fotos: Divulgação do Espetáculo

Blecaute. Thábata surge à esquerda do palco, seminua. À direita do palco entra a sua mãe. As duas caminham em direção uma da outra. Thábata fala para a mãe que agora realizou o seu sonho e que a mãe havia ganhado uma filha. E, assim, as duas se abraçam.

O final ficava a critério do público. A cena poderia ser um reencontro entre a protagonista e a mãe ou um sonho, delírio da personagem, que pode ou não ter morrido após a ingestão dos comprimidos.



Figura 33 - Foto: Divulgação do Espetáculo

Percebi que a experiência de representar uma pessoa trans, intercalada com outras vivências trans, não é somente dar visibilidade para a comunidade, mas representatividade. O público precisa ver as travestis, transexuais e não binários representando e narrando suas histórias e não simulacros caricaturizados. Queremos oportunidade de emprego, sendo que a arte de interpretar pessoas transvestigêneres já vem sendo dominada pelos artistas cis privilegiados há séculos.

Nós já dominamos as ruas, agora queremos ocupar nossos lugares de direito, pois temos capacidade de sermos mais que um corpo objetificado. Somos mais que o silicone, que as cirurgias, nossos corpos são nossas identidades e não um espaço público. Queremos o direito de pertencer à sociedade como seres pensantes e de ter o direito ao conhecimento, mas infelizmente isto não acontece.

3.2 Apresentações da peça *O Cárcere da Alma Feminina* nas escolas

O espetáculo era um evento grandioso diante dos olhares curiosos dos alunos e professores. Sempre havia uma roda de conversa depois das apresentações e tinha alguém que se identificava ou simplesmente sentia o que desejávamos transmitir para o público. Eram rodas de conversas muito positivas. Em sua grande maioria, as pessoas se apresentavam empáticas ao sofrimento da personagem.

Como cita o diretor da peça, Maicon Barbosa, em seu artigo *Teatro, Educação e Transexualidade*:

Como espectador, o aluno é envolvido na construção e produção da cena, e é assim envolvido nos processos de apreciar e avaliar. Ao assistir o espetáculo teatral, o aluno espectador dirigiu-se a uma ocasião, a um

evento, de relativa fuga à rotina, e criou um diálogo com a obra cênica. Como o teatro pode ser um instrumento capaz de problematizar as relações de gênero na escola? (BARBOSA, 2015, p.5).

Nas Escolas, o público era levado pela temática da peça, não eram críticos de festivais ou conhecedores das teorias teatrais, mas pessoas que procuravam respostas para várias curiosidades sobre a temática que a peça abordava.

As escolas em que foi apresentado esse espetáculo foram: Colégio Municipal Pelotense, Instituto de Educação Assis Brasil, Escola Estadual de Ensino Médio Areal, Colégio Estadual Dom João Braga, Escola Estadual de Ensino Médio Adolfo Fetter, Colégio Estadual Félix da Cunha e IFSUL- Instituto Federal Sul Rio Grandense – Campus Pelotas. Também foram realizadas apresentações gratuitas para a Associação LGBT Pelotas, Grupo Também e Cia Cem Caras de Teatro. Ao todo foram contabilizados 16 apresentações nas Escolas.

Na maioria das apresentações nas escolas, os alunos/público começavam rindo, talvez por a peça apresentar no início uma personagem trans, parecia-me que esperavam alguma comédia, mas quando percebiam que se tratava de um drama, tornava-se perceptível a mudança do retorno da plateia de forma sensível e empática. Porém, houve um caso de negação por parte de um aluno, lembro bem desta apresentação em que ele saiu no início da peça e chutou parte do cenário.

Somente uma escola não recebeu bem a peça, não sabemos se foi pela temática, pois já estava tudo agendado. O cenário no teatro da escola estava montado desde o dia anterior, mas na manhã de apresentação fomos de certa forma censurados e nossa apresentação foi recusada. Tivemos que carregar o cenário de volta, começou a chover e a imagem da Nossa Senhora Aparecida, que fazia parte do cenário, quebrou. Apesar de a apresentação não ter acontecido nessa escola, no mesmo dia fizemos duas apresentações em outra escola, que nos recebeu muito bem, de forma receptiva e interessada em nossas apresentações.

3.3 Minha experiência como aluna e como professora na escola

Retornar ao ambiente escolar, ouvir os seus sons, tocar as suas paredes e reviver todas as lembranças e sensações durante o Estágio na escola foi, acima de tudo, um momento de superação, realização e vitória, que tentarei explicar por aqui, através das minhas palavras.

Chego na escola, a mesma totalmente gradeada e em pavilhões, parecendo mais uma prisão. Pensei comigo mesma: Por que os alunos têm que ficar trancados? Resposta que viria ao adentrar seus corredores. Chego na portaria, identifico-me como estagiária e vou até a sala da coordenadora pedagógica, apresento-me e explico que estou ali para fazer o estágio com a turma do professor de Teatro. Ela pareceu que tinha levado um susto quando me viu, disse que não sabia de nada e chamamos o professor. Enfim, a coordenadora pedagógica parecia estar um pouco atrapalhada e me liberou para observar a turma do terceiro ano, do ensino médio, na sala 302.

O professor me levou para conhecer a sala dos professores e depois eu fui passear pelos pavilhões, campos, quadras de esportes, bibliotecas e de vez em quando dava uma espiadela para dentro das salas de aula. Lembrei-me de minha infância e adolescência, revivendo várias experiências que sofri dentro da Escola.

Era como se passasse um filme na minha cabeça, todos os momentos de vergonha que colegas do tempo de escola me faziam passar, as chacotas, humilhações, exposições, assédio, agressões verbais e físicas. Confesso que tive receio de sofrer tudo novamente. Lembranças da hora do recreio, quando era aluna do ensino fundamental no Instituto de Educação Assis Brasil e os alunos se juntavam ao meu redor e ficavam gritando – “Bichinha! Bichinha!” A hora do recreio e da saída ou uma simples ida ao banheiro chamava a atenção dos colegas.

Quando eu era criança e ia ao banheiro masculino, geralmente vinha um garoto atrás de mim, eu não entendia o porquê, mas me calava. A supervisora, mesmo assistindo, também se calava diante do fato. O mais incompreensível é que esses mesmos garotos eram os que me agrediam fisicamente na hora da saída. Um dia, em casa, me disseram que a próxima vez que me chamassem de bichinha que eu desse um soco em quem falasse, mas eu não era igual a eles, eu sabia que eu nunca seria e, o mais importante, eu nunca quis ser. A agressividade deles era ignorante, mas era a essência deles, a verdadeira violência que eu sentia era que não poderia ser quem eu era.

Com frequência meus pais me mandavam ao barbeiro, ninguém falava nada. Até que um dia o barbeiro disse: “Nossa, mas como colam chiclete atrás do teu cabelo! De alguma forma as outras crianças conseguiam, sem eu perceber”.

Quando me dei conta, percebi que tocou a sineta e eu fui para a sala de aula conhecer os alunos. Já havia superado e transformado tudo que tinha passado na

escola em algo melhor.

O professor me apresentou a turma e saiu, deixando-me a vontade com aquele grupo de adolescentes, que parecia me conhecer, talvez por já ter assistido uma palestra sobre “Gênero e Diversidade” que havia feito na mesma escola dois anos atrás. A partir daí perguntei quais as expectativas deles nas aulas de Teatro. Se já tinham ouvido falar sobre Teatro. Citei os autores que pretendia trabalhar com eles e as peças.

No dia da observação eu já tinha alguns Jogos Teatrais para aplicar com os alunos, mas antes eu queria conhecê-los melhor. Fizemos uma roda, nos apresentamos, perguntei quais as expectativas deles com as aulas de Teatro e fui anotando. Percebi que aquela turma já tinha experiência desde o primeiro ano do Ensino Médio. Eles já estavam bem familiarizados com os textos teatrais, conheciam peças gregas e autores de várias Estéticas. Então resolvi ir mais a fundo e perguntar quais as peças e autores que eles mais gostavam. Citaram Shakespeare, Augusto Boal, entre outros, e conheciam vários jogos teatrais, além de terem uma energia inesgotável e adorarem o palco. Lamentaram o fato de o prédio do Teatro estar fechado por falta de manutenção. Por se tratar de pequenos reajustes no prédio, conseguimos, com a ajuda de funcionários da escola, retomar as atividades no teatro da escola.

No segundo dia de aula, um choque! A coordenadora me informou que eu não poderia trabalhar com aquela turma, pois ela já havia se comprometido com outra estagiária antes de eu me apresentar. Questionei: “Mas como assim? Estava tudo certo!” Ela não havia me falado nada sobre outra estagiária, chamamos o professor, que se espantou também. Enfim, fiquei com o primeiro e o último período de segunda-feira com outra turma, na sala 304.

Fui observar a outra turma, o professor me apresentou e eu fiz o mesmo trabalho que havia feito com a primeira, porém, esta era bem diferente, não pareciam muito interessados nas aulas de Teatro e eram dispersos.

No segundo dia de aula para a turma 304 levei cartolinas e canetinhas e pedi que escrevessem suas manifestações pessoais. Solicitei depois que cada um representasse a manifestação, usando a divisão palco e plateia, e percebi que tinham opiniões políticas um tanto equivocadas (no meu ponto de vista). Apoiavam políticos fascistas, as meninas eram a favor do machismo, notei que teria que agir com muita diplomacia com aquela turma, aplicar a minha disciplina e não expor

muito a minha opinião.

Antes do quarto dia de aula recebo a ligação do professor me informando que a outra estagiária não havia aparecido, ou talvez a coordenadora tivesse se equivocado, e eu poderia escolher qual turma gostaria de dar aula, não pensei duas vezes, queria de volta a turma 302.

Quando retornei para a primeira turma começamos a trabalhar o Teatro Documentário e o Biodrama. Como referência, usei o livro do professor Davi Giordano, *Teatro documentário brasileiro e argentino*. Os alunos escreveram textos sobre cenas do cotidiano, dividiram-se em grupos e apresentaram no Teatro da escola. Tivemos a apresentação da “Aula Espetáculo” do colega Carlos Pérola, onde todas as turmas do segundo e terceiro ano do ensino médio da Escola Areal foram assistir. A peça foi um sucesso e de grande aprendizado para os que não conheciam a história do Teatro, elogiada por todos que assistiram.

Percebi que tinha que levar o máximo de informação sobre o Teatro Contemporâneo durante o pouco tempo de estágio. O Teatro Contemporâneo vai se renovando conforme a mudança dos tempos, então tive que me atualizar, pegando referências nos estudos que já tinha da faculdade, trabalhos que eu já conhecia e pesquisas na internet.

Apesar do tempo de estágio ter passado voando, acredito ter conseguido levar aos alunos à reflexão sobre a proposta dada em sala de aula. Durante o Estágio II na Escola Estadual Areal, apesar do tempo ser curto, acredito ter trabalhado com os alunos o Teatro mais na prática do que na Teoria. Usei as referências, apresentei textos sobre as temáticas, mas a energia dos alunos e a vontade de atuar no palco fizeram com que colocássemos estes temas em prática.

O fato de a escola ter um prédio de Teatro à disposição ajudou muito para que as aulas seguissem esse caminho. Então, fizemos um acordo: no primeiro período líamos os textos sobre a temática teatral proposta e no segundo colocávamos em prática no prédio do Teatro. Exemplo: capítulos de peças teatrais, como *Barrela*, de Plínio Marcos, o teatro transgressor de Zé Celso, Biodrama, cenas do Cotidiano; e no segundo período nos encontrávamos no prédio do Teatro para colocar as encenações e improvisações em prática. Fiquei impressionada com a energia, desenvoltura e espontaneidade deles no palco. Então, vi ali uma forma de desenvolver jogos teatrais e de improvisação, como o jogo da bolinha, Bartolomeu mandou, Jogo do Espelho e muita improvisação.

Acabaram as aulas com os alunos e fui convidada pelos professores para dar uma Formação em como lidar com a “Diversidade na Escola”. Na sexta-feira, juntei-me aos professores durante toda a manhã, fizemos jogos Teatrais juntamente com o professor de Teatro e depois fomos para a sala de vídeo, onde fizemos uma roda de conversa com uns trinta professores. Foi também um momento muito especial, fechar o estágio palestrando para os professores e vê-los interessados em se informar sobre a temática de Gênero e Diversidade. Teve muito a ver com o que apliquei em sala de aula e com a minha filosofia de vida e objeto de pesquisa.

Saliento que se a experiência no Estágio II foi exitosa, o mesmo não aconteceu no Estágio I, onde ministrei aula para crianças, mas na maioria das vezes as crianças eram extremamente carinhosas e prestativas.

Houve uma vez que uma criança falou: “Tia, ele disse que tu parece homem!” Eu sentei e conversei com a aluna e expliquei que todos nós somos diferentes, umas pessoas são mais altas, outras mais baixas e que toda essa diversidade fazia parte das pessoas. A escola era em um bairro vulnerável e com alunos da quarta série, do fundamental, percebi a precariedade do ensino e a falta de atenção especial com as crianças.

O Estágio II, no terceiro ano do Ensino Médio, foi uma experiência totalmente diferente e compreendo que esta seja a proposta de termos dois Estágios no Curso de Teatro Licenciatura. Os adolescentes da atualidade são bem mais evoluídos e talvez também por ser uma Escola Estadual, percebi que os alunos já tinham opiniões próprias e se expressavam com muita facilidade, talvez por terem mais recursos e acesso a informações na internet.

Os alunos tinham celulares e até um grupo de WhatsApp, mas eram proibidos de usar em sala de aula. O estágio foi gratificante, pois também aprendi muito com os alunos, principalmente o respeito que eles tiveram por mim, durante toda a minha vida nunca tinha me sentido tão respeitada. Escrevi o meu relatório de estágio com lágrimas nos olhos, foram lágrimas de gratidão, por eu ter conseguido chegar até ali. Ser respeitada na instituição escolar, espaço que mais me humilhou, massacrou, excluiu e agrediu na infância e adolescência, foi uma sensação inefável, uma energia de sobrevivência, de resistência e de resiliência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esse trabalho, eu o chamaria de Manifesto pelo direito à vida de uma comunidade que luta diariamente para simplesmente transitar pelas ruas durante o dia sem ouvir xingamentos ou sofrer agressões físicas.

A urgência de trazermos essa temática para dentro da universidade se faz necessária, pois pessoas transvestigêneres estão sendo assassinadas diariamente, justamente pela falta de informação e conhecimento, que gera a exclusão familiar, a evasão escolar e a falta de trabalho formal e acesso ao conhecimento.

A universidade é o local de futuros profissionais e formadores de opinião, que um dia ou outro irão ter que atender ou prestar seus serviços para a comunidade trans, de uma forma ou de outra, e precisamos estar preparados para lidar com o diferente, pois o diferente não é errado.

Para que todas as pessoas trans tenham o verdadeiro direito à família, à saúde, à educação e ao mínimo de dignidade humana. É somente através do ensino, do diálogo e do respeito que se constrói uma sociedade mais justa. Trazer para a discussão acadêmica essa temática ainda desconhecida pela sociedade brasileira é uma forma de nos aproximarmos e incluirmos a população trans na escola, no trabalho formal e em todos os lugares da sociedade, inclusive dentro da universidade. Somente através da convivência é que se quebram tabus e preconceitos.

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua “promoção”. Os oprimidos não de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção. (FREIRE, 1987, p. 26).

Defendo aqui que a ignorância seja derrotada pelo conhecimento, para que pessoas trans, travestis e não binárias não precisem mais se esconder nas

madrugadas. Para que tenham oportunidade e equidade de ocuparem estes espaços sem serem vistas como seres não pertencentes a estes locais.

A importância de atrizes e professoras trans atuando em distintos espaços de poder é de grande valia para desconstruir ignorâncias, derrubar tabus e preconceitos ainda incrustados em uma sociedade heterocisnormativa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. “Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa”. **Tese em Educação**. Universidade Federal do Ceara, 2012.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/131976/tese%20Luma%20Andrade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 14 nov.2019

ARTE VIEW. Pela primeira vez espetáculo LuisAntonio – Gabriela terá atriz trans no papel principal. **Arte View**, 12/11/2018. Disponível em: <<https://arteview.com.br/pela-primeira-vez-espetaculo-luis-antonio-gabriela-tera-atriz-trans-no-papel-principal/>>

Acesso em: 08 mai. 2019.

BALBI, Dani. Escola é primeiro gargalo à inserção de pessoas trans no mercado. **Agência Brasil**: 19 de nov. de 2019. Entrevista concedida à Alana Granda. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/escola-e-primeiro-gargalo-insercao-de-pessoas-trans-no-mercado>> Acesso em: 14 nov.2019

BARBOSA, Maicon Fernando Oliveira. **Teatro, educação e transexualidade: o teatro como instrumento de construção discursiva da identidade social em sala de aula**. 2015. 20f. Artigo (Especialização em Educação) – IFSUL, Pelotas, 2015.

COMARCA DE PORTO ALEGRE - VARA DE REGISTROS PÚBLICOS. Juiz prolator: Dr. Antonio C. A. Nascimento e Silva. Processo num:001/1.05.0379074-9–2005.

CAPELIOVITCH, Andrea. O Trabalho do Ator sobre si mesmo: memória, linguagem e silêncio. **Concept**., v. 5, n. 2, p. 76-89, jul./dez. 2016.

CAPELHUCHNIK, Laura; MONTEIRO, Ricardo. A música e os corpos políticos: entrevista com Linn da Quebrada. **Nexo**, 14/05/2019. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/video/video/A-m%C3%BAsica-e-os-corpos-pol%C3%ADticos-entrevista-com-Linn-da-Quebrada>> Acesso em: 04 nov. 2019.

CARTA CAPITAL. A vida e a morte de Marsha P. Johnson e a invisibilidade trans. **Carta Capital**, 22/10/2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/a-vida-e-a-morte-de-marsha-p-johnson-e-a-invisibilidade-trans/>> Acesso em: 12 abr. 2019.

CARVALHO, Renata. O corpo transvestigênera. **Revista Docência e Cibercultura**. v. 3, n. 1,p. 213-216, Jan./Abr.2019.

COUTO, Marlen. Primeira travesti a atuar em uma novela brasileira morre aos 66 anos. **O Globo**, 14/05/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/primeira-travesti-atuar-em-uma-novela-brasileira-morre-aos-66-anos-22680740>> Acesso em: 19 set. 2019.

DOURADO, Rodrigo Carvalho Marques. **Bonecas falando para o mundo**. Recife: CEPE, 2017.

FÁBIO, André Cabette. O que é intersexualidade. E como é se descobrir intersexual. **Nexo**, 03/02/2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/02/03/O-que-%C3%A9-intersexualidade.-E-como-%C3%A9-se-descobrir-intersexual>> Acesso em: 05 nov. 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES JR., Sara Wagner Pimenta. No Mar dos Abandonos: Suspiro entre a teoria e a prática *queer*. **Rebeh**, v. 1, n. 1, p. 79-90, 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/95/54?fbclid>>. Acesso em: out. 2019.

GONÇALVES, Sara Wagner Pimenta. **Corpo transvestigênera**. Entrevista via Whatsapp concedida à Marcia Monks Jaekel. Cabo Frio, 15 out.

GRINDR. O que significa ser não-binário. Central de Ajuda Grindr, [sem data de publicação]. Disponível em: <<https://help.grindr.com/hc/pt/articles/115014919567-O-que-significa-ser-n%C3%A3o-bin%C3%A1rio>> Acesso em: 15 mai. 2019.

HORTA, Gloria. **Sangria**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1984.

LANZ, Letícia. **O Corpo da roupa**. Curitiba: Transgente, 2016.

LÍGIA, Ana. O que é blackface e por que nos dias de hoje é considerada uma atitude racista. **Estudo Prático**, 01/08/2016. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/o-que-e-blackface-e-por-que-nos-dias-de-hoje-e-considerada-uma-atitude-racista/>>. Acessado em: 03 mai. 2019

LOURO Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Na política pelo direito de viver: primeiras deputadas trans do Brasil falam sobre seus mandatos. **As minas**. 29 de jan 2019. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/na-politica-pelo-direito-de-viver-primeiras-deputadas-trans-do-brasil-falam-sobre-seus-mandatos/>> Acesso em: 14 nov.2019

NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. Da Cartografia da Resistência ao Observatório da Violência contra Pessoas Trans no Brasil. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**. V. 9. No. 1, 2018, pp. 220-225. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/12049>> Acesso em: 14 nov.2019

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. “O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação”. **Tese em Educação**. Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47605/R%20-%20T%20->

%20MEGG%20RAYARA%20GOMES%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 14 nov.2019

POMBA, André. Revolta de Stonewall de 28 de junho de 1969 – a origem do Dia do Orgulho LGBT. **iGay**, 28/06/2017. Disponível em:
<<https://igay.ig.com.br/colunas/coluna-do-pomba/2017-06-28/stonewall-orgulho-lgbt.html>> Acessado em: 25 abr. 2019.

REPRESENTATIVIDADE TRANS. MONART - Movimento Nacional de artistas Trans. **Facebook @RepresentatividadeTrans**, 25/05/2019. Disponível em:
<https://www.facebook.com/RepresentatividadeTrans/posts/2344944792441750?__tn__=K-R>Acesso em: 27 mai. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para a Análise Histórica. **E-disciplinas USP**, traduzido do original de 1989. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%A9nero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 04 nov. 2019.

SIGNIFICADOS. Catarse. **Significados**, 2019. Disponível em:
<https://www.significados.com.br/catarse/>> Acessado em: 15 mai. 2019.

SUDRÉ, Lu. Março das mulheres. Como é ser uma mulher trans no Brasil? **Brasil de Fato**, 06/03/2019. Disponível em:
<<https://www.brasildefato.com.br/2019/03/06/marco-das-mulheres-or-como-e-ser-uma-mulher-trans-no-brasil/>> Acesso em: 04 nov. 2019.

THOMAZ, Danilo. Reduzida por homicídios, a expectativa de vida de um transexual no Brasil é de apenas 35 anos. **Época**, 30/01/2018. Disponível em:
<<http://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/01/reduzida-por-homicidios-expectativa-de-vida-de-um-transexual-no-brasil-e-de-apenas-35-anos.html>> Acesso em: 21 mar. 2019.

VIEIRA, Amiel. O que é intersexualidade. E como é se descobrir intersexual. **Nexo**, 03/02/2018. Entrevista concedida a André Cabette Fábio. Disponível em:
<<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/02/03/O-que-%C3%A9-intersexualidade.-E-como-%C3%A9-se-descobrir-intersexual>> Acesso em: 05 nov. 2019.

WIKIPÉDIA, Não-binariedade. **Wikipédia**, 04/11/2019. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A3o-binariedade>> Acesso em: 04 nov. 2019.

ANEXOS

Anexo A – Reportagens de jornal – O cárcere da alma feminina

DIÁRIO POPULAR
QUARTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 2013 **ZOOM 7**

Transexualidade no palco

Fotos Divulgação - DP



Atores mostram o conflito de um jovem e sua relação com a família

Jussara Lautenschläger

A Cia Teatral Os Encarceyrados apresenta hoje o espetáculo *O cárcere da alma feminina* que trata de um tema considerado ainda polêmico: a transexualidade. Nesta trama os atores vão mostrar ao público a vida de uma pessoa que luta contra seu corpo masculino com alma feminina.

A montagem do espetáculo foi realizada na disciplina Encenação do curso de Teatro da Universidade Federal de Pelotas, em que o aluno precisa dirigir e produzir uma peça teatral. O ano era 2011. O diretor Maicon Barbosa conta que devido às críticas positivas o grupo decidiu dar continuidade ao trabalho e apresentar ao público a trama.

Com a aprovação do projeto no Procultura o espetáculo que tinha 30 minutos foi reestruturado e hoje está com 60 minutos. "Conseguimos enriquecer a história e os resultados obtidos foram excelentes, uma história forte que leva o público à reflexão", destaca Maicon.

Com os recursos do Procultura foi possível investir em cenário e figurino, levar a trama a diversas escolas e participar de festivais. Maicon destaca que como a peça aborda assuntos como preconceito, tolerância, religião, amor e bullying os alunos ao final das apresentações conversavam com os atores assim como as mães.

O espetáculo recebeu diversas indicações e prêmios como no 14º Festival de Teatro em Rosário do Sul com as indicações para melhor trilha sonora e melhor atriz coadjuvante e no 14º Festival Pedritense de Teatro para melhor peça, figurino, atriz coadjuvante, cenário, trilha sonora, atriz, ator infantil e direção.

A história

O espetáculo *O cárcere da alma feminina* é baseado no Poema Gay de Glória Horta e mostra os conflitos de um menino transexual, tema polêmico que ainda provoca muitas discussões, devido à falta de esclarecimento de grande parte da população.

A peça narra a história de Paulo, na infância e na fase adulta, um jovem que diz ter uma alma feminina encarcerada em um corpo masculino e mostra o quanto é difícil para ele viver perante esta situação numa sociedade que ainda não está preparada para compreender esse transtorno de identidade.

Fazem parte do elenco os atores Diogo Souza (Paulo), Jandira Brito (Ana Luíza), Francine Mohammed (Zazá), Márcia Monks (Thábita Sumaya) e Miguel D'Ávila (senador Macedo). A direção é de Maicon Barbosa, texto de Maicon Barbosa e Glória Horta, trilha sonora de Cristiano Morales, iluminação e assistência de direção de Tainara Urrutia e produção de Jandira Brito e Maicon Barbosa. No final de setembro encerra o financiamento do Procultura.

Serviço

O quê: espetáculo *O cárcere da alma feminina*

Quando: hoje e amanhã, às 19h30min e dia 25

Onde: Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) e João Gilberto Bar no dia 25

Quanto: entrada franca na BPP e R\$ 10,00 no João Gilberto

LABORA

TESTE IMUNO
QUALITATIVA

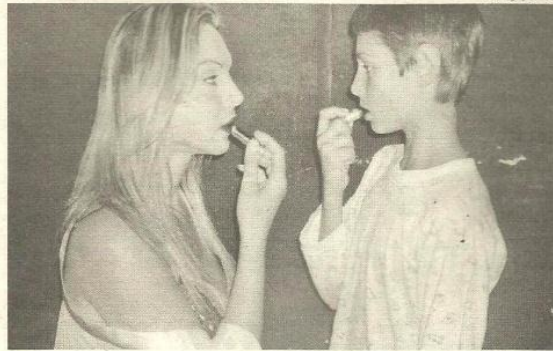
Sensibilidade 10

CÁLCIO IÔNICO
Método Ion sele

• Cole

Rua Anchieta
Fones: (53) 3

O cárcere da alma feminina no COP



Divulgação - DP

Espectáculo foi desenvolvido durante disciplina do curso de Teatro da UFPel

O ser humano é mais alma ou mais corpo? É esta a indagação que o diretor Maicon Barbosa quer levar ao público através da peça *O cárcere da alma feminina*, que será apresentada sábado, às 19h30min, no teatro do COP. O espetáculo foi desenvolvido durante a disciplina de encenação da faculdade de Teatro da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob supervisão do professor Paulo Gaiger.

A obra conta a história de Paulo (interpretado por Paulo Otávio), um jovem que afirma desde pequeno ter uma alma feminina encarcerada em um corpo masculino. No enredo o adolescente tenta passar ao público o quão difícil é para ele viver em uma sociedade que ainda não está preparada para compreender este transtorno de iden-

tidade.

O elenco da peça também tem Jandira Brito, no papel de Ana Luíza, Márcia Monks que vive Thábita, e

Miguel D'Ávila, o André. Para o diretor da obra, a resposta ao questionamento proposto é facilmente respondida: "O ser humano é sem dúvida mais alma do que corpo, logo o seu sexo deve ser aquele que vem de seu íntimo, que vem de suas entranhas, que vem de sua alma", afirma.

Serviço

O quê: Espetáculo teatral *O cárcere da alma feminina*

Quando: Sábado, dia 3, às 19h30min.

Onde: Teatro do COP, rua Almirante Barroso, 2540

Entrada franca.

Cultura ganha incentivo

Jussara Lautenschläger

Os artistas pelotenses ligados ao teatro, à música, à dança, ao folclore, à literatura e a outros tipos de manifestações culturais levam diariamente a milhares de pessoas, de todas as áreas da cidade, um pouco de diversão, conhecimento e informações com o seu trabalho. Troca possível de realizar devido ao Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Procultura), que este ano completa quatro anos. Sem este incentivo o palco ficaria vazio e o livro com as páginas em branco, porque inúmeros projetos estariam trancados em uma gaveta.

Programa valoriza o trabalho dos artistas e abre espaço para levar a arte à população

Centenas de Marias e Jolos que moram no Dunas, José e Franciscos do Getúlio Vargas, Martas do Navegantes e os moradores de outros bairros, da colônia e do Centro não têm como assistir a um espetáculo. Com o Procultura criado



Foto: Divulgação

artistas, grupos organizados, agentes culturais e entidades que desejam desenvolver atividades nas artes integradas, cênicas e visuais, artesanato, audiovisual, folclore e manifestações culturais

mas de cultura local, publica anualmente um edital com prazos para apresentação dos projetos.

Muitos grupos e entidades não sa-



Sábado, 04 de agosto de 2012

DIÁRIO DA MANHÃ

Divulgação



ESPETÁCULO conta sobre "Paulo" que tem alma feminina num corpo masculino

Peça "O cárcere da alma feminina"

Divulgação



TRANSTORNO de identidade em debate na montagem

Amanhã às 19h30min no Teatro do Círculo Operário Pelotense (COP) - rua Alm. Barroso 2.540 -, nova apresentação do espetáculo "O cárcere da alma feminina". Baseado no "Poema Gay" de Glória Horta, o espetáculo tem direção e iluminação de Maicon Barbosa. ENTRADA FRANCA.

TEMÁTICA mostra o "quanto é difícil para Paulo, que diz ter alma feminina, viver numa sociedade que ainda não está preparada para compreender o transtorno de identidade".

ELENCO: Jandira Brito como "Ana Luíza"; Márcia Monks como "Thábita e Paulo"; Hélio Fernandes é o "Senador"; Paulo Otávio "Paulo". Sonoplastia de Thalita Ferreira. (C0G0Y)

10 • Cultura

Sábado, 14 de setembro de 2013

Divulgação



ATRIZ Márcia Monks no espetáculo financiado pelo Procultura

TEATRO

Peça "O Cárcere da alma feminina"

Terça, quarta e quinta haverá apresentações do espetáculo "O cárcere da alma feminina". Trata-se de montagem que conta com financiamento do Procultura da Prefeitura. Como etapa pedagógica do projeto, a peça tem sido encenada em diversas escolas da rede municipal. Na agenda desta semana, exibições às 19h30min. Como local, a Biblioteca Pública Pelotense. Entrada franca, mas devem ser retiradas senhas. Já no dia 25 às 20h, a peça será exibida no João Gilberto Bar & Champanharia - rua Gonçalves Chaves 430.

PROPOSTA da montagem conforme divulgação: "O

objetivo do espetáculo é promover a reflexão sobre tema extremamente polêmico 'a identidade de gênero'. Trata-se de realidade na qual a sociedade ainda não está preparada para compreender tamanha complexidade. São abordados também outros temas como religião e educação. Então, espetáculo comovente, extremamente real e humano!".

ELENCO - A peça tem direção de Maicon Barbosa. No elenco estão os atores: Márcia Monks como "Thábita"; Jandira Brito interpreta "Luíza"; Francine Mohamed personifica "Zazá"; Diogo Sousa é "Paulo"; Miguel D'Ávila vive o "Senador".

(C0G0Y)

TEATRO

Graduados da UFPel apresentam peça

O grupo Os Encarecerados, formado por ex-estudantes do curso de teatro da UFPel, apresentou na última semana o espetáculo O Cárcere da Alma Feminina. Criada na disciplina de Encenação, em 2011, a peça recebeu elogios dos professores e hoje se tornou um espetáculo grandioso e premiado.

Tendo como temática a transsexualidade, em uma hora de apresentação, somos introduzidos à vida de um menino que nasceu no corpo errado. Foram feitas três apresentações na biblioteca pública pelotense, onde o público pode prestigiar de graça o espetáculo.

O diretor da peça, Maicon Barbosa, achou no "Poema Gay", de Glória Horta, um assunto que gostaria de falar há tempos, mas que ainda não havia encontrado uma forma certa de abordar. A ideia da transsexualidade já estava em sua vida, desde o infeto da faculdade, quando seu colega menino foi se transformando em uma linda mulher. Essa mulher hoje é Márcia Monks, a protagonista da peça.

No enredo da história, Tábata é uma mulher com muitas recordações. Ao longo da narrativa vi-



CÁRCERE da Alma Feminina é destaque na produção do grupo

ajamos em pequenos flashes de sua vida, de quando ainda era um menino que sonhava em ser menina. Porém, sua mãe era relutante e jamais aceitaria que o filho usasse as roupas da irmã.

Questionada sobre a sua identificação com a personagem que interpreta, Márcia diz que já passou pelo que Tábata vive, mas que hoje já superou. "Como se tra-

ta de uma personagem que tem muito de mim, eu como atriz, acabou sofrendo junto. Minha mãe me ensinou a rezar antes de dormir e assim como na peça, eu sempre pedía a Deus para que ele me tornasse uma mulher, pelo menos por um dia. Hoje ele realizou o meu sonho", conta emocionada.

PROJETO APROVADO
NO PRÓ-CULTURA

Em 2013 o espetáculo foi aprovado no Pró-Cultura, proje-

to financiado pela Secretaria Municipal de Pelotas como um apoio à Cultura da cidade. Em contrapartida, o grupo apresentou a peça em diversas escolas da cidade, onde foi nítida a curiosidade dos estudantes acerca dos temas bullying, sexualidade, religião e educação, que a peça traz. O diretor da produção vê esse retorno de forma positiva, já que poucas pessoas estão familiarizadas com o tema. "Nosso espetáculo conta o lado da história que a sociedade ainda

não contou", afirma Maicon.

Tainara Urrutia, responsável pela iluminação do cenário, diz que com a ajuda do Pró-Cultura a peça cresceu em vários aspectos. Cristiano Moraes passou a integrar o elenco, realizando uma trilha sonora ao vivo, onde toca violão, baixo e utiliza recursos de um computador; e foram incluídos novos personagens para engrandecer a história.

PREMIAÇÃO

A peça concorreu em dois grandes festivais no estado e no festival Pedritense de Teatro, que aconteceu no mês de setembro, dois atores da peça foram premiados. Jandira Brito ganhou como melhor atriz coadjuvante e Diogo Souza, que tem apenas 10 anos, como melhor ator mirim em um prêmio especial do júri.

Na Fênadece desse ano, o grupo ainda ganhou a segunda colocação de melhor espetáculo.

ONDE ASSISTIR

No dia 25 de setembro o grupo fará uma apresentação ao João Gilberto Bar, após o "Espetáculo festa com DJ Thalita". O valor do ingresso é de R\$10,00 e pode ser comprado diretamente no Bar.

Assistência

Concursos premia projetos



Eduardo Krüger (20 anos)

ADVOGADOS ASSOCIADOS - OBRAS 22-183

O direito é seu, o trabalho é nosso!

Ações trabalhistas, cíveis, família, imobiliário, dano moral, ações revisionais de dívidas de cheque especial, cartão de crédito.

TEATRO

Peça "O Cárcere da alma feminina" na BPP

Por Carlos Cogoy

Hoje, amanhã e quinta ha verá apresentações do espetáculo "O Cárcere da alma feminina". Trata-se de montagem que conta com financiamento do Proculura da Prefeitura. Como etapa pedagógica do projeto, a peça em julho e agosto foi encenada em diversas escolas da rede municipal. Na agenda desta semana, exibições às 19h30min. Como local, a Biblioteca Pública Pelotense (BPP). Nesta terça, pré-estreia para imprensa, apoiadores, patrocinadores e convidados. Quarta e quinta com entrada franca, mas devem ser retiradas senhas - BPP ou com integrantes do grupo. Já no dia 25 às 20h, a peça será exibida no João Gilberto Bar & Champaignaria - rua Gonçalves Chaves 430. Após a apresentação, festa com DJ Thalita. Antecipado a R\$10,00, pode ser adquirido com o grupo ou no JG.



ELENCO interpreta montagem que provoca debate acerca da "transsexualidade"

PROPOSTA da montagem conforme divulgação: "O objetivo de 'O Cárcere da alma feminina' é promover a reflexão sobre tema extremamente polêmico 'a identidade de gênero'. São abordadas também questões como religião e educação. A peça consiste em mos-

trar ao público uma pessoa que nasceu num corpo errado. A montagem trata da transsexualidade, tema um tanto polêmico, já que ainda falta entendimento para a maioria da população. E perguntamos: O que é o ser humano? Mais alma ou mais corpo? Ousamos até responder a tal

indagação. O ser humano é sem dúvida mais alma do que corpo, logo o seu sexo deve ser aquele que vem de seu íntimo, que vem de suas entranhas, que vem de sua alma. O espetáculo 'O Cárcere da alma feminina' narra a história de Paulo, na infância e na fase adulta, um jovem

que diz ter uma alma feminina encarcerada num corpo masculino, mostrando o quanto é difícil para ele viver numa sociedade que ainda não compreende esse transtorno de identidade. Então, espetáculo comovente, extremamente real e humano!". A peça é inspirada no "Poema

Gay" de Glória Horta.

TRAJETÓRIA da peça começou como exercício para disciplina do curso de Teatro na UFPel. Desde então, há dois anos, tem recebido elogios e houve apresentações no Teatro do COP, Conservatório, Festival de Inverno de Pelotas, Dia do Teatro, UFPel, mostra competitiva da Fenadoce, 14º Festival de Teatro em Rosário do Sul - indicações para trilha sonora e atriz coadjuvante.

ELENCO - A peça tem direção de Maicon Barbosa. No elenco estão os atores: Márcia Monks como "Thábita Sumaya"; Jandira Brito interpreta "Ana Luiza"; Francine Mohamed personifica "Zazá"; Diogo Sousa é "Paulo"; Miguel D'Ávila vive o "Senador Macedo". Trilha de Cristiano Morales, iluminação e assistência de direção são de Tainara Urrutia. Cenários e adereços foram concebidos coletivamente. Tainara também criou a concepção de luz. Na contraregra: Thalita Ferreira. Figurino de Jandira Brito. Assistentente de produção: Tainara. Produção de Jandira e Maicon. Criação e realização, Cia. Teatral "Os encarcerados".

Sábado, 26 de maio de 2012

DIÁRIO DA MANHÃ

Divulgação



ATRIZ Márcia Monks interpreta personagens "Thábita" e "Paulo"

HOJE

O cárcere da alma feminina

Às 19h deste sábado no Conservatório de Música da UFPel - rua Félix da Cunha 651 -, apresentação do espetáculo teatral "O Cárcere da alma feminina". A peça, com direção de Maicon Barbosa, será encenada na abertura do 1º encontro-debate do Programa Fronteiras da Diversidade, cuja temática abordará "Gênero e diversidade sexual". Conforme divulgação, o debate será o primeiro de série, enfocando diversida-

des e (po)éticas cotidianas, que acontecerão durante este ano.

PEÇA é inspirada no "Poema Gay" de Glória Horta. De acordo com a divulgação, texto conta sobre "Paulo". A partir de vivências da infância e juventude, olhar acerca dos obstáculos à aceitação do transtorno de identidade. No elenco: Jandira Brito é "Ana Luiza"; Márcia Monks vive "Thábita" e "Paulo"; Miguel D'Ávila é "André"; Paulo Otávio interpreta "Paulo". A ilumi-

nação é de Maicon Barbosa, sonoplastia a cargo de Thalita Ferreira, e Hécio Fernandes na contra-regra.

DEBATE às 20h com juiz federal Roger Raupp Rios (Uniritter/PoA), Célio Golin - coordenador da ONG Nuances -, assessor da comissão de cidadania e direitos humanos da Assembleia entre 2009 e 2010, Thalita Ferreira (estudante de teatro na UFPel, e ativista do movimento LGBT).

(COGOY)

UFPEL

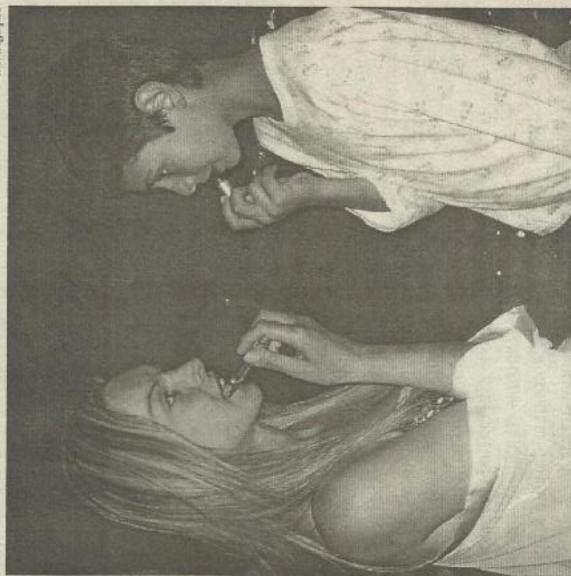
Peça no Teatro do COP

Divulgação

Sábado às 19h30min no Teatro do Círculo Operário Petrolense (COP) - rua Almirante Barroso 2.540 -, espetáculo "O cárcere da alma feminina". Trata-se de montagem de grupo de teatro da UFPEL. Conforme divulgação, a peça narra a "história de Paulo - infância e fase adulta -, um jovem que diz ter alma feminina encarcerada num corpo masculino. Assim, mostra o quanto é difícil para ele viver essa situação, numa sociedade que ainda não está preparada para compreender o transtorno de identidade". A direção é de Maicon Barbosa. No elenco: Jandira Brito como "Ana Luiza"; Márcia Monks como "Thábita/Paulo"; Miguel D'Ávila é "André"; Paulo Otávio como "Paulo". Iluminação de Tainara Urrutia, sonoplastia de Thalita Ferreira. Orientação a cargo do prof. Paulo Gaiger (UFPEL).

ENTRADA FRANCA

MONTAGEM da disciplina de encenação do curso de teatro



no caminho do autoconhecimento: dons, desafios, potenciais etc. Também

ANEXO B - O CÁRCERE DA ALMA FEMININA

Maicon Barbosa

Personagens:

Ana Luíza – mãe de Paulo/ ThábataSumaya

ThábataSumaya/ Paulo – transexual na vida adulta

Paulo- Transexual na infância

Senador Macedo – admirador de Thábata

Zazá – amiga e dona da Boate onde Thábata trabalhava

Cenário- O palco é dividido em dois ambientes, no lado esquerdo temos o camarim de ThábataSumaya, com uma mesa, cadeira, um divã e uma arara com muitos vestidos. Do lado direito temos as cenas do passado de Thábata, cenas da infância. Na primeira cena, apenas uma cadeira.

(Thábata entra no seu camarim, larga seus óculos na mesa e põe seu casaco na arara, pega e olha o vestido que irá colocar para o show e começa a recordar a sua infância. Ana Luíza entra com um vestido nas mãos e senta na cadeira, que já se encontra no palco no lado direito do palco, começa a costurar o vestido).

PAULO *(entra em cena, quieto, com uma mochila nas costas)* – Oi mãe!

ANA LUÍZA *(costurando o vestido)* – Oi meu filho! Como foi na escola hoje?

PAULO – Bem.

ANA LUÍZA *(para de costurar e olha para Paulo)* – Você me parece triste, o que houve?

PAULO *(tímido)* – Não houve nada.

ANA LUÍZA *(preocupada)* – Fala a verdade Paulo, o que aconteceu? Você andou brigando na escola?

PAULO – Só um pouco.

ANA LUÍZA – Por que?

PAULO *(bravo)* – Os meninos lá da escola me chamaram de bichinha.

ANA LUÍZA *(nervosa)* – Te chamaram de bichinha? Por que?

PAULO – Porque eu estava brincando com as meninas.

ANA LUÍZA – E por que você não foi brincar com os meninos?

PAULO – Porque os meninos são muito bobos, ficam só brigando e se empurrando.

ANA LUÍZA *(firme)* – Mas você é menino, meu filho, tem que brincar com os

meninos. *(pausa)* Não sei mais o que fazer contigo, Paulo. Por que a sua irmã não veio com você?

PAULO – Ela ficou lá no colégio com as meninas.

ANA LUÍZA *(explicativa)* – Eu já disse Paulo, você é menino, a tua irmã é menina, você tem que cuidar dela.

PAULO – Mas mais ela me cuida do que eu cuido dela.

ANA LUÍZA – Realmente não sei mais o que faço, você está me dando muito trabalho. *(pausa)* Você andou entrando no meu quarto?

PAULO *(assustado)* – Não. Por que?

ANA LUÍZA – Por que sumiu o estojo de maquiagem.

PAULO – A Fabiana deve ter levado para o colégio.

ANA LUÍZA – Quando ela chegar irei perguntar a ela. *(pausa)* Está com fome?

PAULO – Não, já lanchei lá no colégio.

ANA LUÍZA – Eu fiz aquele bolo de chocolate que você gosta, está dentro do forno. *(para de costurar o vestido e olha para Paulo)* Vou aproveitar que você chegou do colégio e vou ao bazar, preciso comprar uns botões para a batina do padre Jorge. Aliás, o Padre tem reclamado que você não tem ido à igreja.

PAULO – Aquelas missas são muito chatas.

ANA LUÍZA – Você sabe que o meu sonho é te ver coroinha na igreja. *(para de costurar o vestido)* Não irei demorar, vou num pé e volto noutro. *(guardando linha e agulha)* Sua irmã inventou aniversário de 15 anos e sobrou pra mim. *(sacode o vestido e mostra para o Paulo)* Como está o vestido?

PAULO – Lindo!

ANA LUÍZA *(estica o vestido e o coloca sobre a cadeira)* – Não vou demorar e o senhor vê se não mexa nas minhas coisas e não entre no meu quarto.

PAULO – Está bem. *(Paulo sai de cena)*

(Ana Luíza termina de ajustar o vestido sob a cadeira e sai. Paulo entra, joga a mochila no chão e começa a tocar no vestido, se ajoelha e abraça, faz carinhos no vestido. Paulo coloca o vestido e começa a dançar, senta no chão, abre a sua mochila, pega o estojo de maquiagens e começa a se maquiar. Começa a dançar. Ana Luíza volta e pega Paulo vestido de menina. Ela fica parada observando a cena. De repente dá um grito com Paulo.)

ANA LUÍZA *(transtornada)* – Mas o que está acontecendo aqui? O que você está fazendo?

PAULO (*assustado*) – Estou só experimentando.

ANA LUÍZA (*transtornada se aproxima de Paulo*) – Tira já este vestido Paulo. Este vestido é de sua irmã.

PAULO (*confrontando sua mãe*) – Não. O que é que tem?

ANA LUÍZA (*vai pra cima de Paulo e tenta fazê-lo tirar o vestido*) – Você é menino Paulo, tira já este vestido.

PAULO (*gritando*) – Nãooooo.

(A cena congela, passa para a cena de Thábata no camarim. Thábata se prepara para mais uma noite de apresentação na Boate, está se maquiando e relembrando a infância, tem uma conversa consigo mesma).

THÁBATA SUMAYA (*pensando alto*) – O falo é um fardo do corpo, a farda da farsa, e eu sou o grito, o berro, o urro, o erro, minha alma é uma menina e o meu corpo uma mentira, não sou homem nem mulher, um ser que falta esobra e desencontra, num mundo diferente de todos os mundos. O que me conduz é a impossibilidade, o que me reduz é a incompreensão, olham-me como se eu fosse um bicho de outra espécie e riem e criticam e excluem e odeiam como se eu fosse um pecado, um errado, doente ou sacana.

(A cena volta para a infância de Thábata, Ana Luíza tentando tirar o vestido de Paulo)

ANA LUÍZA (*chorando*) –Tira já esse vestido Paulo. Tiraaaaa

PAULO – Nãooooo

ANA LUÍZA (*chorando, tira o vestido de Paulo*) – Você é menino, quantas vezes eu já te falei. (*ordenando*) Vá para o seu quarto e só saia de lá quando eu disser para sair. (*olha para o chão e vê o estojo de maquiagens*) Você mentiu novamente para mim, disse que não tinha pegado o estojo de maquiagens.

(Paulo sai de cena. Ana Luíza senta na cadeira e começa a abraçar o vestido e chorar).

ANA LUÍZA (*chorando*) – Eu não sei mais o que fazer.

(A cena volta para o camarim de Thábata, que continua a se arrumar. Se maquiando e fazendo um penteado, segue com seus pensamentos).

THÁBATA SUMAYA – Pobre de nós, mulheres encarceradas em um corpo que não é o nosso como uma alma penada, sapato apertado que não nos pertence, assim eu me sinto cheio de calos, sufocado, asfixiado, apaixonado e o espelho me nega e eu me sinto um bicho de outra espécie, pecado, errado, doente ou sacana.

(Volta a cena da infância. Ana Luíza está ajoelhada no oratório rezando para seu filho).

ANA LUÍZA *(acende uma vela)* – Minha Nossa Senhora Aparecida, Vós que nos amais e nos guiais todos os dias, vós que sois a mais bela das mães, a quem eu amo de todo o meu coração, eu vos peço mais uma vez a sua ajuda em prol do meu filho, proteja ele de todo o mal, ele agora deu para se vestir de menina, disse que não gosta de ser menino, onde já se viu isso minha Nossa Senhora. A Senhora que é mãe deve saber de minha aflição e há de me ajudar. Ilumine o caminho do meu filho minha santa.

(Paulo entra, abraça a sua mãe pelas costas e se ajoelha junto dela).

ANA LUÍZA *(chorando)* – Meu filho querido perdoa sua mãe, eu perdi a cabeça. *(mãe e filho se abraçam)* Você tem rezado todas as noites meu filho?

PAULO *(chorando)* – Tenho sim mãe.

ANA LUÍZA *(chorando)* – Isso mesmo meu filho, Deus costuma ouvir mais as crianças do que os adultos. Vamos juntos rezar a oração que ele nos ensinou. O Pai Nosso.

(Mãe e filho ajoelhados em frente à imagem de Nossa Senhora Aparecida rezam um Pai Nosso. Termina a reza. Passa para a cena do camarim. Thábata já está pronta para o Show, vai até a ribalta do palco e continua a refletir sobre sua vida).

THÁBATA SUMAYA – Ah, mas às vezes eu penso que sou uma mulher enfeitiçada que teve alterada sua forma, mas que um dia vai se quebrar o encanto e todo esse engano vai acabar como se eu tivesse sido sempre uma menina encantada.

(Zazá interrompe Thábata e pergunta a ela se já está pronta para o Show).

ZAZÁ – E aí amiga estás pronta para mais uma belíssima apresentação? A casa hoje está lotada, todos ansiosos para ver ThábataSumaya.

THÁBATA SUMAYA – Estou pronta sim amiga, estou muito ansiosa também, pois hoje irei interpretar uma música muito especial.

ZAZÁ – Então tá amiga vou lá anunciar o show, o público está à sua espera.

ZAZÁ *(para o público)* – Boa noite senhoras e senhores, sejam todos bem vindos a nossa Boate Studio Club. É com imenso prazer que a Boate recebe mais uma vez essa grande artista brasileira. Ela que é a nossa Diva, a nossa grande estrela da noite Thábata Sumaya interpretando Maria Bethânia, Balada de Gisberta.

(No Show Thábata dubla a música de Maria Bethânia “Balada de Gisberta” em homenagem a sua amiga que foi brutalmente assassinada por adolescentes em

Portugal. O show encerra-se e as cortinas abrem-se novamente. Thábata retorna ao seu camarim, senta na cadeira. Em seguida entra Zazá).

ZAZÁ – Thábata que sucesso foi a sua apresentação, muito linda sua homenagem a Gisberta.

THÁBATHA SUMAYA – Que bom amiga que você gostou, realmente foi uma apresentação muito especial para mim.

ZAZÁ – Lindo, magnífico. Mas olha só, tem um admirador do seu trabalho querendo lhe conhecer, posso deixá-lo entrar?

THÁBATA SUMAYA(curiosa) – Pode sim Zazá, mas quem é?

ZAZÁ – É um senador. Vou chamá-lo.

THÁBATA SUMAYA (arrumando-se) – Claro, pode chamá-lo. Vou adorar conhecê-lo.

(Zazá sai e retorna a cena com o Senador).

SENADOR (galanteador) – Que show lindo Thábata, você é uma grande artista.

THÁBATA SUMAYA (tímida) – Você gostou mesmo? Que bom. Foi um show muito especial para mim.

SENADOR – Mas claro Thábata, você é maravilhosa. Há muito tempo venho assistindo os seus shows, mas como sou uma pessoa pública preciso ficar na última fila e sair antes do término do show. Mas hoje criei coragem e vim conhecê-la pessoalmente.

(O senador serve champanhe nas duas taças e oferece um brinde ao sucesso de Thábata).

SENADOR – Mas me fale um pouco mais sobre o show, por que ele foi tão especial para você?

THÁBATA SUMAYA – Eu interpreto essa música de Bethânia para homenagear uma grande amiga minha que foi brutalmente assassinada por adolescentes na cidade do Porto, em Portugal. Ela era brasileira e foi torturada durante dois dias até a morte e jogada em um buraco frio e escuro. Essa música mexe muito comigo, me comove muito, éramos grandes amigas.

SENADOR – Confesso que é uma bela música, mas não conhecia nem a música, nem a história da Gisberta. Mas você sabe vida de senador não é fácil, estamos sempre muito ocupados, viajando muito, sem tempo para desfrutar as coisas simples da vida, como ouvir uma boa música. Logo preciso voltar para Brasília.

THÁBATA SUMAYA – Imagino sua vida deve ser muito corrida. Mas como o senhor

veio de Brasília até aqui?

SENADOR – Vim com meu jatinho particular. Na verdade, na verdade já assisti uns 4 ou 5 shows seu, só hoje que resolvi aparecer, mas sou um grande admirador do seu trabalho.

THÁBATA SUMAYA – Fico muito lisonjeada em ter um admirador como o senhor.

SENADOR – Mas você nunca pensou em sair dessa cidade? Quem sabe viajar pelas capitais do nosso País, ou melhor, fora do Brasil?

THÁBATA SUMAYA – Não tenho essa pretensão, faz 8 anos que trabalho nessa boate, sou muito amiga das donas, não penso em abandoná-las, elas me ajudaram muito.

SENADOR – Realmente essa boate é encantadora, mas o seu talento é muito maior que ela, por isso acredito que seu lugar não seja aqui. Eu como senador posso lhe ajudar, o que você precisa? Um carro? Um jatinho? É só me falar, só preciso saber quanto irá custar tudo. Não precisa ficar constrangida, pense que é apenas um presente de um amigo.

THÁBATA SUMAYA *(sem entender)* – O senhor acha que eu estou à venda?

SENADOR *(passando a mão nas pernas de Thábata e se aproximando, tentando beijá-la)* – Me desculpe, mas você é uma mulher muito bonita, me deixa louco. *(o senador vai para cima de Thábata e começa a beijá-la. Ele começa a passar a mão nas partes íntimas dela e ela começa a se esquivar, ele fica sem entender e ela diz que precisa lhe contar algo que ele não sabe a respeito dela).*

THÁBATA SUMAYA *(nervosa)* – Por favor, pare. Preciso lhe contar algo *(empurra o senador)*.

SENADOR *(tentando agarrar Thábata)* – Conversamos depois, vamos aproveitar esse momento.

THÁBATA SUMAYA *(afastando-se do senador)* – Eu sou uma transexual.

SENADOR *(sem entender)* – Isso só pode ser uma brincadeira. *(pausa)* – O que você é?

THÁBATA SUMAYA *(apreensiva)* – Sou uma transexual. *(Senador se afasta e tenta digerir o que foi dito por Thábata. Ela se aproxima do senador e tenta explicar)* Senador eu sou uma mulher diferente, nasci em um corpo errado, não tenho culpa de nada, estou fazendo tratamento para realizar a minha operação.

SENADOR *(enfurecido e descontrolado)* – Cala essa sua boca imunda, você estava tentando me enganar, está tentando acabar com a minha carreira? Com a minha

vida? Minha reputação? Eu vou embora desse lugar para não sujar as minhas mãos.
(*Senador vai embora e Thábata vai atrás dele tentando se explicar, ela segura ele*).

THÁBATA SUMAYA (*nervosa*) – Por favor, Senador vamos conversar, você entendeu tudo errado.

SENADOR (*enfurecido, segura Thábata e a joga no chão*) – Sai de perto de mim, você é uma aberração, um lixo, nem ser humano você é e outra, nunca será uma mulher. Nunca mais se aproxime de mim se não quiser morrer, tenho nojo de você. Se me dirigir mais uma vez a palavra, mando te matar.

(*Senador vai embora e Thábata fica arrasada, desolada, não esquece as duras palavras dele, não consegue parar de pensar nele dizendo que ela jamais será uma mulher, começa a chorar*).

THÁBATA SUMAYA (*chorando*) – Eu não sou uma aberração. (*Thábata continua chorando, se levanta e fica parada alguns segundos pensando no que fazer, vai até a mesa do seu camarim e no auge da loucura toma uma “porrada” de calmantes para tentar se matar e começa a pirar. Ela pega o terço que está na mesa do seu camarim, começa a passar mal e cai no chão. Recorda da sua infância, quando sua mãe lhe deu o terço que está em suas mãos*).

(*Cena da infância, Ana Luíza está fazendo Paulo dormir, está deitada com ele na cama, lhe fazendo carinho e brincando com ele, ela tira do bolso um terço e entrega a ele. Thábata observa a cena*).

THÁBATA SUMAYA (*chorando*) – Que troca de embalagens foi esta aí dos deuses que já me mandaram nascer nesse mundo enjoado com desvantagem, encarnando minha alma em corpo errado, como se houvesse um corpo de homem sobrando e uma alma feminina condenada?

(*Thábathe tem uma overdose pela quantidade de remédios que ingeriu e morre. Volta a cena da infância, Ana Luíza sai e deixa Paulo deitado, ele se acorda e se ajoelha, começa a rezar antes de dormir*).

PAULO (*rezando*) – Obrigado Senhor pela minha vida, pela minha saúde, pela minha família e por todos os meus amiguinhos. Senhor Jesus ensina-me a ser uma criança cheia de fé e de amor, ensina-me a crescer nos teus caminhos, concede Senhor a minha mãe sabedoria, paz, trabalho e saúde. Ajuda-me Senhor a ser uma criança obediente a todos aqueles que eu devo respeitar inclusive minha mãe e às pessoas mais velhas. Obrigado Senhor, por todos os meus brinquedinhos sejam eles pequenos ou grandes, pelo alimento de cada dia, pela minha família, pela

nossa saúde e pela nossa proteção. Abençoa também meus amiguinhos da escola, dando-lhes sabedoria, fé e amor. Dá-me Senhor a benção de ser uma criança feliz e realizada. Por isso te peço, me deixe ser uma menina, pelo menos por um dia, não gosto de ser menino, quero muito um dia dormir e me acordar menina. Não quero fazer a minha mãe sofrer, quero apenas ser feliz. Em nome de Jesus, meu único Senhor e Salvador. Amém.

(Paulo termina de rezar e deita-se. Sonho de Paulo. Cena ao fundo do palco. Atmosfera de sonho. A mãe entra, um pouco mais envelhecida. Observa o local. Em seguida entra Thábata que encontra-se apenas de camisola. Thábata abraça sua mãe pelas costas e diz a ela que precisa lhe contar algo).

THÁBATA – Mãe preciso lhe contar algo, eu realizei o meu sonho.

ANA LUÍZA – Que sonho Paulo?

(Thábata mostra sua operação de mudança de sexo para ela. A mãe fica chocada e chora).

ANA LUÍZA *(chorando)* – Eu perdi meu filho.

THÁBATA *(chorando)* – Não mãe, você ganhou uma filha.

(As duas se abraçam e choram).

A luz fecha na cena das duas e aos poucos vai fechando na cena de Paulo dormindo.

FIM